



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ – UNIFAP
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES (DEPLA)
CURSO DE JORNALISMO

JAMILY CANUTO DA SILVA

**REPORTAGEM DIGITAL SOBRE VIVÊNCIAS NO ISOLAMENTO SOCIAL:
PANORAMA DO AMAPÁ EM DOIS ANOS DE PANDEMIA DA COVID-19 E ONDA
DE CASOS APÓS VACINAÇÃO**

Macapá – AP

2022

JAMILY CANUTO DA SILVA

**REPORTAGEM DIGITAL SOBRE VIVÊNCIAS NO ISOLAMENTO SOCIAL:
PANORAMA DO AMAPÁ EM DOIS ANOS DE PANDEMIA DA COVID-19 E ONDA
DE CASOS APÓS VACINAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso na modalidade Projeto Experimental apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá como requisito final para obtenção da colação de grau em Jornalismo.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Roberta Scheibe

Macapá – AP

2022

RESUMO

O presente memorial tem como objetivos elucidar e descrever o processo de produção da reportagem "Isolados pelas ondas da Covid-19" e, ainda, analisar o formato jornalístico de reportagem em sua capacidade de promover reflexões ao captar emocionalmente o leitor. O produto jornalístico utilizou como métodos e técnicas a entrevista, a apuração e a narrativa jornalística, bem como as técnicas de webjornalismo. Já este memorial tem como alicerce o método bibliográfico. O embasamento teórico para este projeto fez-se a partir da leitura de autores como Nilson Lage, Cremilda Medina e João Canavilhas que, em suas pesquisas, discutem e conceituam práticas de reportagem humanizadas, na contramão do jornalismo cotidiano pautados pela factualidade.

Palavras-chave: reportagem; webjornalismo; narrativa; Covid-19; isolamento social.

ABSTRACT

This memorial aims to elucidate and describe the production process of the report "Isolated by the waves of Covid-19" and also to analyze the journalistic format of the report in its ability to promote reflections by emotionally capturing the reader. The journalistic product used as methods and techniques the interview, the investigation and the journalistic narrative, as well as the techniques of webjournalism. This memorial is based on the bibliographic method. The theoretical basis for this project was based on the reading of authors such as Nilson Lage, Cremilda Medina and João Canavilhas who, in their research, discuss and conceptualize humanized reporting practices, contrary to everyday journalism guided by factuality.

Keywords: reporting; webjournalism; narrative; Covid-19; social isolation.

**REPORTAGEM DIGITAL SOBRE VIVÊNCIAS NO ISOLAMENTO SOCIAL:
PANORAMA DO AMAPÁ EM DOIS ANOS DE PANDEMIA DA COVID-19 E ONDA
DE CASOS APÓS VACINAÇÃO**

JAMILY CANUTO DA SILVA

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Roberta Scheibe
Orientadora

Prof^a Mr^a Elisângela Lima de Andrade
1^a Avaliadora

Prof^o Mr. Jacks de Mello Andrade Junior
2^o Avaliador

À todos que contribuíram para tornar esse trabalho possível, àqueles que se dispuseram a falar e àqueles que não hesitaram em me ouvir, especialmente. E à quem caminhou comigo nesta estrada longa e sinuosa.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Evolução da circulação impressa.....	40
Figura 2. Ranked Comscires.....	41
Figura 3. Funcionamento de hospedagem.....	43
Figura 4. Sistema de mídias integradas.....	44
Figura 5. Enquete no Instagram para busca de fontes.....	50
Figura 6. Capa da reportagem digital “Isolados pelas ondas da Covid-19”.....	55
Figura 7. Referência de layout da Revista Piauí online.....	55
Figura 8. Fechamento da reportagem “Isolados pelas ondas da Covid-19”.....	56
Figura 9. Tipografia utilizada na reportagem digital “Isoladas pelas ondas da Covid-19”...	57
Figura 10. Uso de imagem como informação na reportagem digital “Isoladas pelas ondas da Covid-19”.....	57
Figura 11. Uso de infográfico para rápida apreensão de conteúdo na reportagem digital “Isoladas pelas ondas da Covid-19”.....	58
Figura 12. Uso de foto para apresentação de personagem na reportagem digital “Isoladas pelas ondas da Covid-19”.....	59
Figura 13. Uso do recurso de áudio na reportagem digital “Isoladas pelas ondas da Covid-19”.....	60
Figura 14. Uso do recurso de vídeo na reportagem digital “Isoladas pelas ondas da Covid-19”.....	60
Figura 15. Uso do recurso de hiperlinks na reportagem digital “Isoladas pelas ondas da Covid-19”.....	61
Figura 16. Referência no uso de hiperlinks pelo site Nexo Jornal.....	61

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	09
1.1 TEMA GERAL.....	11
1.2 DELIMITAÇÃO DO TEMA.....	11
1.2.1 Objeto de Estudo.....	11
1.3 PROBLEMA DE PESQUISA.....	12
1.4 HIPÓTESES.....	13
1.5 OBJETIVOS.....	13
1.5.1 Objetivo Geral.....	13
1.5.2 Objetivos Específicos.....	14
1.6 JUSTIFICATIVA.....	14
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	17
3. REFERENCIAL TEÓRICO.....	21
3.1. UMA HISTÓRIA DA REPORTAGEM.....	21
3.2. A PRÁTICA E A TÉCNICA DA REPORTAGEM.....	25
3.3. COMO HUMANIZAR O JORNALISMO.....	33
3.4. WEBJORNALISMO: informação em multimídia.....	37
3.4.1. Contexto digital e novas formas.....	38
3.5. PANDEMIA DE COVID-19: uma questão de saúde pública que escancara mazelas sociais.....	45
4. DESCRIÇÃO DO PRODUTO.....	48
4.1. CONSTRUÇÃO DA PAUTA.....	50
4.2. DESENVOLVIMENTO DAS ENTREVISTAS.....	51
4.3. ESTRUTURA TEXTUAL.....	53
4.4. DIAGRAMAÇÃO DA REPORTAGEM DIGITAL.....	54
5. CRONOGRAMA DA PESQUISA.....	60
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
REFERÊNCIAS	64
APÊNDICE I - Pauta da reportagem digital "Isolados pelas ondas da Covid-19"	70
APÊNDICE II - Transcrição da entrevista virtual com Pablo Coelho realizada por chamada de vídeo nos dias 1º e 2 de março de 2022.....	73

1. INTRODUÇÃO

A atividade de produzir uma reportagem é documentar a realidade sob recorte de tempo, espaço e sob as interpretações do jornalista a respeito do tema reportado. Mas uma reportagem humanizada vai além. Esta permite transitar por realidades diferentes do mesmo tema e trazer o olhar das pessoas sobre o que é falado; buscando, além de documentar, transformar os contextos.

A reportagem é objeto deste memorial, no qual são analisadas as possibilidades que o formato pode dar ao retratar temas com maior profundidade. Aqui também é descrito o processo de produção da reportagem "Isolados pelas ondas da Covid-19". O objeto do produto deste TCC se baseia na produção de uma reportagem sobre o atual panorama da pandemia de Covid 19 no Estado do Amapá no início do ano de 2022. É necessário reiterar que a pandemia iniciou em dezembro de 2019 quando o novo vírus do Sars-Cov-2 foi identificado na cidade de Wuhan, na China, causando uma forte pneumonia nos infectados, levando muitos a óbito. O vírus, que tem uma alta taxa de transmissão, logo se espalhou pelo mundo, levando a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarar uma pandemia em março de 2020. A OMS orientava os países a aderir ao isolamento social, protocolo que impede o contato físico entre as pessoas, sendo este o mais eficiente para frear o contágio.

Neste contexto, algumas problemáticas são identificadas, norteando e justificando a produção do presente material. Quanto ao objeto da reportagem aqui descrita, pesquisas revelam impactos sociais em diferentes aspectos da vida dos brasileiros, sejam nas finanças, nos estudos, na relação familiar ou saúde mental. Em casa, as pessoas precisaram conciliar trabalho, estudos e vida pessoal no mesmo ambiente, além de conviver com o medo da contaminação e o luto ao perder entes queridos para a Covid-19. Porém, em nível local, há pouco espaço nos veículos tradicionais para produtos jornalísticos humanizados que mostrem como os amapaenses enfrentaram o isolamento, reduzindo o período a números. Para tanto, responder se a reportagem pode suprir esta falta de aprofundamento é ponto de partida para a presente pesquisa.

Portanto, o objetivo geral deste trabalho é a produção de um produto que possa abranger de forma mais ampla as vivências do amapaense no isolamento social durante a pandemia já no atual cenário de 2022, ao mesmo tempo que preenche a lacuna deixada pelo jornalismo local neste assunto.

Para responder aos questionamentos do memorial, foi realizada uma pesquisa qualitativa, por meio do método bibliográfico, na qual foram consultados autores que discutem a reportagem como prática jornalística, narrativa menos objetiva e corriqueira, bem como as técnicas de apuração jornalística e o webjornalismo. Na produção da reportagem, foram escolhidos métodos e técnicas jornalísticas, como a entrevista em profundidade e a narrativa em pirâmide mista.

Compõem a bibliografia deste trabalho pesquisadores como Nilson Lage, Clóvis Rossi, Cremilda Medina e João Canavilhas abordados nos cinco seguintes tópicos:

O primeiro faz um resgate histórico da reportagem desde o surgimento dos jornais no século XVII e a popularização dos impressos junto da figura do repórter durante a Revolução Industrial, processo que mudou radicalmente a linguagem jornalística. São trazidas ainda as contribuições da imprensa americana do início do século XX para o jornalismo como conhecemos hoje e o surgimento dos cursos superiores de jornalismo neste contexto. Com as transformações explanadas, propõe-se refletir a importância da figura humana do repórter na narrativa dos fatos.

Assim, no segundo tópico foi abordada a reportagem como o momento em que o jornalismo se diferencia de todos os outros gêneros informativos e, ainda, em que um repórter se diferencia do outro. Isso porque o estilo de narrar, a fala dos personagens, as observações e interpretações que compõem a reportagem apenas são possíveis com técnica e entrega do repórter. Neste tópico, serão apresentadas também práticas que levam ao desenvolvimento de uma reportagem que capte a audiência pela informação e pela narrativa.

Na missão de fugir dos padrões jornalísticos diários, o terceiro tópico apresenta o jornalismo humanizado como meio para aprofundar as pautas e trazer transformações sociais. Focado no homem, são priorizadas pessoas comuns a fontes oficiais. sendo essa forma de narrativa base para transcrição dos relatos na reportagem final.

O quarto tópico aborda o webjornalismo e as mudanças que trouxe para o fazer jornalístico, refletindo sobre o contexto social em que surgem os jornais na internet, como adaptaram-se e como ele se configura em termos de recursos e linguagem.

E após refletir sobre o pensamento de cada autor sobre a construção de uma reportagem, no quinto tópico há uma contextualização dos impactos do isolamento social trazidos pelo período pandêmico iniciado em 2020, de forma a ser possível analisar, à luz dos

autores, se uma reportagem pautada no tema vai suprir as problemáticas levantadas neste projeto experimental.

1.1 TEMA GERAL

Reportagem no formato digital sobre o panorama da pandemia de coronavírus do Estado do Amapá em 2022.

1.2 DELIMITAÇÃO DO TEMA

Produção de uma reportagem em formato digital com relatos de amapaenses que adotaram o isolamento social durante a pandemia de Covid-19, falando sobre suas rotinas dentro de casa nesse período. Em paralelo, a reportagem também aborda a atual situação da vacinação e contaminação no Amapá.

1.2.1 Objeto de Estudo

a) do memorial: Refletir sobre a reportagem jornalística digital humanizada com técnicas de entrevistas em profundidade, bem como de narrativas webjornalísticas.

b) do produto: produção de uma reportagem com relatos de amapaenses que viveram o isolamento social durante a pandemia de Covid-19. A reclusão foi necessária para combater a proliferação do coronavírus, causador da doença, levando pessoas no mundo inteiro a ficarem dentro de casa por tempo indeterminado, sem contato com outras pessoas, a não ser aquelas da mesma residência.

O isolamento social não durou muito tempo para a maioria das pessoas, tampouco os protocolos sanitários foram seguidos à risca, causando números avassaladores de casos e mortes. Foi com o início da vacinação, quando o mundo já tinha por volta de dez milhões de casos notificados no final de 2020, que houve um vislumbre para o fim da pandemia. No Brasil, a vacinação teve início apenas em 18 de janeiro de 2021, após uma sequência de negligências do Governo Federal na compra do imunizante, alcançando a redução do contágio somente a partir do segundo semestre daquele ano.

O avanço da vacinação resultou em flexibilizações nas medidas preventivas de contaminação em diversos estados, como foi o caso do Amapá. O retorno das aulas presenciais na rede pública de ensino e a permissão para realização de *shows* artísticos e festas

foram as mais significativas. Em novembro de 2021, foi identificada na África do Sul a variante Ômicron do coronavírus, uma mutação com maior facilidade de transmissão e reinfeção, além de resistência a vacinas. A cepa logo se espalhou pelos continentes, causando uma nova onda de casos da Covid-19 que obrigou autoridades a recuarem nas liberações e uma parcela da população a voltar para o isolamento social.

1.3 PROBLEMA DE PESQUISA

Com a necessidade de isolamento social sendo a forma mais eficaz de contenção da pandemia de Covid-19, pessoas no mundo inteiro precisaram se adaptar à nova rotina. Os fatores mais impactantes deste isolamento são a distância das redes de apoio emocional e a convivência integral com aqueles que vivem na mesma residência. Estar dentro de casa por tempo indeterminado associado a um contexto de medo e luto constante traz consequências significativas para a saúde mental dos indivíduos. Em uma pesquisa publicada no mês de abril de 2021, mais da metade (53%) dos brasileiros entrevistados declararam que seu bem estar mental piorou no último ano. O questionário foi encomendado pelo Fórum Econômico Mundial com a participação de 30 países.

Diversas pesquisas semelhantes do nível global ao local têm sido feitas no período pandêmico e divulgadas nos veículos jornalísticos. Inquieta-me o fato de um problema social que traz pautas tão profundas seja abordado por meio do jornalismo de dados, sem mostrar quem são essas pessoas. Jorge Ijuim (2017) ao discutir sobre humanização do jornalismo levanta a necessidade de “transformar a pauta numa narrativa que crie identificação com a audiência”. Ele observa que, ao quantificar um fenômeno social, o desqualifica e reduz os personagens a objetos. Seguindo sua linha de pensamento, uma pauta como as consequências do isolamento no convívio social deve permitir àqueles afetados pelo problema que se vejam, pois os números divulgados são constituídos por pessoas.

Mais do que a obrigação do jornalista de escrever pensando no receptor, é uma questão de sensibilidade falar de convívio social e, por consequência, de saúde mental, de forma humanizada. Se metade do meu público diz não estar bem emocionalmente com o isolamento, preciso fazê-lo sentir-se acolhido. Nesse sentido, produzido com humanidade cumpre o papel de causar identificação e sensibilização ao tema. Por meio de relatos de quem vive a realidade pautada é possível levar ao leitor que também a vive, o sentimento de acolhimento. Os noticiários diários não permitem uma leitura mais profunda dos dados,

tampouco há espaço para histórias de vida, portanto, as reportagens podem preencher tais lacunas.

Como amapaense e acadêmica de jornalismo, notei em nível local uma cobertura da pandemia pautada em *releases* e dados publicados por instituições do Estado com pouco foco nas pessoas. Menor ainda, foi o número de pautas sobre a convivência do amapaense com o isolamento social. Associado a esses fatores, minhas próprias vivências e os impactos psicológicos em pessoas do meu círculo social por nos vermos minoria na adesão ao isolamento me levaram a trabalhar este tema em uma reportagem. Pensando nos valores-notícia proximidade e interesse humano em relação às problemáticas levantadas, este trabalho parte das perguntas:

a) do memorial: a reportagem, por meio de relatos dos personagens, é o formato que melhor causa identificação dos receptores com a pauta?

b) do produto: como os amapaenses conviveram com o isolamento social no início e em dois anos da pandemia de Covid-19?

1.4 HIPÓTESES

a) do memorial: O desdobramento dos fatos permitido pela reportagem permite a leitura aprofundada de dados e ao mesmo tempo a polifonia, ou seja, diferentes pontos de vista dentro da narrativa. Com o jornalismo humanizado na reportagem digital é possível ainda descrever as reações e sentimentos dos personagens em relação ao tema, levando quem lê a sentir-se dentro da história. Uma reportagem com dados e relatos de amapaenses que conviveram com o isolamento social é o formato que melhor explicita a realidade da população local nesse contexto, além de suprir a falta desse panorama amplificado nos veículos locais.

b) do produto: Os poucos amapaenses que fizeram isolamento a fim de proteger a si e suas famílias da Covid-19 conviveram com o medo, conflitos familiares, mas souberam se adaptar.

1.5 OBJETIVOS

1.5.1 Objetivo Geral

Produzir uma reportagem, utilizando o jornalismo humanizado, evidenciando relatos de pessoas do Amapá que fizeram isolamento social no primeiro ano da pandemia de Covid-19 e também com a chegada da variante Omicrôn no Brasil em 2022, a fim de suprir a falta de um conteúdo jornalístico aprofundado e humanizado sobre o bem estar mental e social do amapaense nesse contexto.

1.5.2 Objetivos Específicos

a) do memorial:

- Compreender se a reportagem é o formato que pode melhor retratar os conflitos emocionais do isolamento social;
- Registrar o processo de produção da reportagem com as particularidades e obstáculos do período de pandemia;
- Refletir sobre a elaboração de uma reportagem humanizada.

b) do produto:

- Coletar pelo menos relatos de amapaenses que renunciaram ao convívio social na pandemia;
- Realizar as entrevistas prioritariamente de forma virtual;
- Redigir os relatos em forma de narrativa;
- Coletar imagens do arquivo pessoal dos personagens no período retratado;
- Trazer dados atuais dos números de Covid-19 no Amapá, além de dados atuais sobre a vacinação no Estado;
- Entrevistar profissionais da saúde para entender os rumos da pandemia e os protocolos de saúde vigentes;
- Publicar a reportagem em formato website.

1.6 JUSTIFICATIVA

Em dezembro de 2019 um vírus até então desconhecido foi identificado na cidade de Wuhan, na China. À época, autoridades locais afirmaram que 400 pessoas haviam sido infectadas e 17 haviam morrido em decorrência da Síndrome Respiratória Aguda Grave (Sars) causada pela infecção. Identificado como uma variação da família de coronavírus, o Sars-Cov-2 em meses se espalhou pelo mundo, tendo sido declarada pela Organização Mundial da

Saúde (OMS), em março de 2020, uma pandemia, pois o novo coronavírus já estava em mais de cem nações e acumulava mais de 100 mil casos.

Entre as orientações dadas pela OMS para conter a transmissão, o isolamento social era a mais eficaz, pois oferecia maior garantia de que as pessoas não tivessem contato com o vírus. Naquele momento, pessoas em centenas de países deveriam deixar suas rotinas aceleradas das quais eram habituadas. A pandemia se tornou o acontecimento do século e, estudar suas nuances se faz fundamental para entender a sociedade da época.

Escolher o isolamento social como objeto deste projeto experimental reflete a perspectiva desta autora sobre este momento histórico e as mudanças na viabilidade de produção acadêmica de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). O Amapá, onde este trabalho é realizado, teve aulas e demais atividades com agrupamento de pessoas suspensas desde 17 de março de 2020, período em que seria iniciado meu projeto de TCC. Sempre inclinada para produções de jornalismo humanizado, pretendia fazer um trabalho de campo, ouvindo histórias de pessoas em vulnerabilidade socioeconômica. Incontestavelmente privilegiada, passei a praticar o isolamento social. Não era mais possível uma pesquisa *in loco* que não colocasse em risco de saúde fontes e pesquisadora.

No momento da busca pelo tema do TCC, os acadêmicos das áreas sociais são, geralmente, orientados a escolher aquele com que se identifica e vivencia. E eu vivi inúmeros conflitos consequentes do isolamento social. Desde a primeira semana da pandemia, não hesitei em ficar reclusa o tempo necessário para evitar o avanço do vírus e, devido ao bloqueio criativo sobrecarga que a rotina meses antes da pandemia me causava, vi uma oportunidade para desacelerar. Mas a proporção tomada pelo coronavírus e o desdém de muitas pessoas me afetou ainda mais. Nos primeiros meses, trabalhei remotamente, até que meu estágio chegou ao fim. Sem uma ocupação, tudo tornou-se mais difícil: baixa autoestima, aumento acelerado de peso acompanhado de inchaço, insônia, alterações na pele, altos níveis de estresse e crises em relacionamentos interpessoais.

Eu não tinha qualquer expectativa quanto à graduação, estava conformada com o atraso sem previsão de retomada do curso. Quando as aulas voltaram remotamente após nove meses, optei por não efetuar matrícula na disciplina de Projeto Experimental, cuja avaliação final seria o planejamento do TCC. Executar o trabalho mais importante da graduação me afligia e estagnava desde o semestre anterior e o período pandêmico acentuou minha insegurança intelectual.

Quando consegui um novo estágio voltei a me sentir apta para trabalhos mais complexos, então no semestre seguinte decidi iniciar o TCC, mas não havia pensado no tema. Tendo afinidade com o jornalismo humanizado e sem convívio social por nove meses, se fez coerente falar de isolamento por meio do jornalismo digital. Mudei o formato jornalístico ao longo do processo, mas a essência se manteve: contar histórias de pessoas que, como eu, renunciaram ao convívio social em prol do fim da pandemia.

Observa-se que os veículos regionais, no geral, são pautados pela factualidade e ineditismo. Portanto, realizar este trabalho se justifica também pela intenção de produzir um produto regional aprofundado, de forma que o amapaense se veja e seja visto. Deste modo, a matéria será composta por entrevistas com pessoas que vivem no Amapá.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este tópico se divide na construção do memorial e na elaboração do produto descrito ao final deste trabalho. Portanto, no que tange ao memorial, estão pontuados abaixo os métodos e técnicas científicos usados para responder a problemática estabelecida, ou seja, compreender a pertinência do formato jornalístico de reportagem na abordagem da pauta. Quanto ao produto, estão descritos os métodos e técnicas jornalísticos para a produção da reportagem.

a) do memorial: Tal qual aponta Trigueiro *et al.* (2014, p.18), a pesquisa qualitativa “permite que o pesquisador se aprofunde no estudo do fenômeno ao mesmo tempo que tem o ambiente natural como a fonte direta para coleta de dados”. Nesse sentido, este método foi o ponto de partida do presente trabalho no memorial, mas também no produto jornalístico produzido, tendo em vista a execução da reportagem digital estudada como fonte de resposta para o problema. Com esta abordagem, se faz possível a imersão da pesquisadora na prática de reportagem, denominado pelas autoras como fenômeno, a fim de gerar interpretações próprias dos dados coletados.

Minayo *apud* Trigueiro elucida as particularidades da pesquisa qualitativa dentro das ciências sociais, pois este método tem preocupação em responder questões com níveis de realidade que não podem ser quantificados. São as crenças, observações, dinâmicas e experiências do pesquisador que respondem, sempre de forma provisória e aproximada, as perguntas da pesquisa. Para uma análise qualitativa rica e munida de equívocos, a autora sugere a compreensão dos dados coletados, ampliar o conhecimento sobre o tema e articular com o contexto cultural da pesquisa. A partir destas finalidades, o método a seguir se fez necessário para buscar conhecimento sobre o formato jornalístico de reportagem e posteriormente relacionar este material ao contexto amapaense na pandemia de Covid-19.

Para amplitude de conhecimento sobre a atividade jornalística, em especial da reportagem, o memorial se utiliza do método bibliográfico, no qual são consultados autores do jornalismo que conceituam e analisam o jornalismo humanizado, a reportagem, as técnicas de entrevista e redação jornalística. Sobre a busca de dados em trabalhos já realizados, Gil diz:

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. (GIL, 1989, p. 71)

O método bibliográfico se dá pela catalogação, leitura, fichamento e análise dos textos. Após a reunião de informações suficientes que abordam a problemática do memorial, os argumentos utilizados pelos autores devem auxiliar nas considerações finais a respeito da escolha da reportagem para gerar o impacto esperado no receptor. Pesquisadores do jornalismo como Nilson Lage, Cremilda Medina e João Canavilhas fundamentam os estudos da presente pesquisa.

Lakatos e Marconi (1992) pontuam a finalidade da pesquisa bibliográfica como possibilitar o contato do pesquisador com tudo o que já foi escrito sobre o assunto, oferecendo meios para melhor interpretação e discussão das informações adquiridas. A consulta bibliográfica é também o primeiro passo para toda pesquisa.

b)do produto: A proximidade do jornalismo com as ciências sociais permite o uso de métodos de pesquisa comuns em um e outro. A mais corriqueira é a entrevista, conversa cujo objetivo é coletar informações. Para Duarte (2005), a entrevista com finalidade de pesquisa social deve deixar margem para o surgimento de novas perguntas a partir do depoimento do entrevistado:

[...] novas questões podem ser levantadas na ocasião, tanto pelo entrevistado, quanto para o entrevistador. A princípio, tudo o que está sendo dito interessa e é importante, em maior ou menor grau. Por quê? Porque estas informações ajudam na compreensão do entrevistado [...] As entrevistas (...) têm muitas vezes a função de contar histórias de vida. (DUARTE, 2005, p. 102)

Sendo o objetivo da reportagem objeto deste memorial narrar a rotina das personagens no isolamento social, o entendimento antropológico da entrevista acima citado será crucial para a produção, de modo que as informações a serem coletadas estão prioritariamente no que os entrevistados têm a dizer, suas histórias de vida.

Embora o produto tenha questionamentos já definidos como ponto de partida, a escuta vai ser fundamental para a elaboração de uma narrativa humanizada. Com esse objetivo, durante a coleta de relatos, pretende-se usar a técnica de entrevista em profundidade ou como nomeia Medina, perfil humanizado.

Sobre a entrevista em profundidade, Duarte cita que "entre as principais qualidades dessa abordagem está a flexibilidade de permitir ao informante definir os termos da resposta e ao entrevistador ajustar livremente as perguntas. Este tipo de entrevista procura intensidade das respostas" (DUARTE 2005 p. 62). Esta liberdade vai ser fundamental neste trabalho, visto que não se sabe ao certo o que esperar do relato das personagens. A técnica da profundidade

vai permitir a repórter adaptar as perguntas às colocações, emoções e comportamentos expostos pelos entrevistados.

Ao mesmo tempo que a conversa será uma entrevista, também deve ser um momento de desabafo e escuta, afinal, se dá em um contexto de sobrecarga, no qual as pessoas passam por conflitos internos, interpessoais e luto. Esse tipo de entrevista é chamado por Cremilda Medina (2001) de perfil humanizado – que também se caracteriza por uma entrevista em profundidade – porque “mergulha no outro para *compreender* seus conceitos, valores, comportamentos, histórico de vida”.

Medina defende a entrevista como diálogo possível, devendo haver objetivos além da coleta de informações, mas ganho para todos os participantes, o que ela nomeia entrevista não-impositiva. À luz de autores das demais áreas das ciências sociais, Medina destaca que a entrevista é comum a todos os profissionais que lidam com problemas humanos.

As entrevistas acima citadas exigem entrevistados despidos de qualquer interesse político do tema, portanto, a partir do que define Lage (2001), os personagens são fontes independentes. Pensando na apuração, também são utilizadas fontes secundárias (pesquisas e relatórios sobre a pandemia), fontes oficiais (instituições de saúde pública) e fontes experts (médicos).

A partir das entrevistas, a apresentação da reportagem propõe uma introdução ao tema da pauta de forma que o leitor entenda os fatores que levaram os personagens ao isolamento social, culminando nos relatos. Com essa proposta, a redação em pirâmide mista é a técnica jornalística que permite usar tanto a objetividade trazida pela pirâmide invertida, com um resumo do fato já no primeiro parágrafo, quanto da pirâmide normal, em narrativa com elementos literários e cronológicos. Isso porque a pirâmide mista “faz uso do *lead* e uma sequência narrativa dos fatos, instigando a curiosidade do leitor, gerando uma dramatização para que esse continue a sua leitura” (Ferreira, 2006, p. 26).

Para compor a narrativa, elementos multimídia (Canavilhas, 2014, p. 32) também são utilizados na reportagem. Isso porque o produto é hospedado em website, plataforma que permite “integração de formatos textuais, gráficos e audiovisuais”, enriquecendo a narrativa ao oferecer proximidade do leitor com as fontes. São oito os elementos enumerados pelo autor e utilizados como base deste trabalho: “1) texto; 2) fotografia; 3) gráficos, iconografia e ilustrações estáticas; 4) vídeo; 5) animação digital; 6) discurso oral; 7) música e efeitos sonoros; 8) vibração” (Canavilhas, 2014, p. 33).

Esses elementos, antes da popularização da internet, ofereciam narrativas independentes, podendo ser isoladamente textual, sonora, fotográfica ou cinematográfica – exceto na televisão, em que a união de alguns recursos já era possível –, o que no webjornalismo pode ser combinado simultaneamente.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1. UMA HISTÓRIA DA REPORTAGEM

Nilson Lage no livro *Teoria e técnica de reportagem, entrevista e pesquisa jornalística* faz um resgate do amadurecimento do jornalismo e do texto de reportagem desde o surgimento dos jornais por volta de 1609 na Europa. O autor comenta que não há indícios da reportagem como atividade nos primeiros 200 anos da história da imprensa e fala da inexistência, nos primórdios do jornalismo, não do caráter noticioso e vigilante, mas que o viés político sempre existiu nos folhetins que circulavam nas cidades europeias. Os textos informativos existiam para exaltar o Estado e a Igreja, imitando o padrão dos escritos literários dos grandes autores das línguas europeias. (LAGE, 2001). O autor se refere a um caráter publicista do jornalismo, que fazia uso de um texto semelhante aos discursos políticos, de forma que os interesses da classe burguesa dominavam os impressos que circulavam no comércio europeu.

Kovach e Rosenstiel (2004) dizem que esses folhetins surgiram de conversas entre donos de bares, chamados *publicans*, sobre livros de registro de viagem deixados por viajantes nos balcões. Na Inglaterra, empresários da tipografia se especializaram em coletar informações nos botequins sobre política ou transporte marítimo e imprimir em papel. Foi durante a Revolução Industrial, com a instalação de fábricas nas cidades, que o jornalismo se popularizou. A exigência de profissionais alfabetizados nas indústrias fez com que um maior público leitor circulasse no comércio. “A sociedade, sujeita a transformações, instabilidade e mudanças, necessitava de informação. Por isso, havia não só receptividade para as notícias, mas também matéria-prima informativa suficiente para sustentar o aparecimento dos primeiros jornais ‘eminentemente jornalísticos’” (SOUSA, 2008, p. 75). Houve assim, a necessidade em mudar o estilo das matérias publicadas nos jornais, pois o jornalismo publicista já não tinha receptividade dos novos leitores, avessos ao eruditismo da burguesia e parte de uma cultura popular. Aquele público leitor foi alfabetizado para o mercado de trabalho, gerando demanda para textos mais objetivos. Lage resgata a mudança no cenário político, onde não havia polarização:

[...] a guerra de opiniões perdia interesse porque não havia, como antes, aristocracia poderosa para se opor ao pensamento burguês e a organização dos operários para a ação política contínua sempre esbarrou em grandes obstáculos – quando não a repressão policial, a recessão econômica.” (LAGE, 2001, p.13)

A classe operária demonstrava interesse em matérias mais imediatistas e espetaculares, de modo que se descobriu a necessidade de anúncios da matéria – as manchetes – e a buscas por notícias em primeira mão. Conforme aponta Nilson Lage, “o jornal que publicasse primeiro o relato de um fato de interesse público seria lido em lugar dos concorrentes e ganharia pontos na preferência dos leitores em geral para as próximas edições.”. A linguagem usada pelos operários também era mais simplória, havendo a necessidade de jornalistas substituírem textos rebuscados por traços de oralidade na escrita.

Quanto mais os jornalistas buscavam fatos de interesse público, mais o repórter tornava-se destaque, de maneira que a guerra de narrativas entre jornalismo e Estado se acirrava, afinal, passou a ficar claro que os conflitos da sociedade faziam parte de um sistema político, deixando de ser vistos como acontecimentos isolados. Sousa (2008, p. 88) associa estas transformações a influência do Iluminismo na imprensa, visto que “o século XVIII, também designado por Século das Luzes em homenagem ao Iluminismo, é um século de consolidação e ampliação do sistema jornalístico, devido ao clima ‘de mudança’ que aumentava a necessidade de informação dos cidadãos”. No Ocidente, eram vivenciadas grandes descobertas científicas, a religiosidade dava lugar ao racionalismo e ao laicismo nas classes dominantes, havia forte pressão em busca da dignidade humana, tal como pregou a Revolução Francesa, tudo propiciando grande avanço econômico e soberania política da burguesia.

A reportagem se posicionou, neste momento, como inimiga dos interesses da elite capitalista, quando políticos perceberam, com a evolução dos jornais, um fenômeno ao qual chamaram de opinião pública. Influenciada pela tensão formada, a teoria da liberdade de expressão e imprensa começou a ganhar espaço entre jornalistas e tipógrafos, ganhando mais impulso quando uma dupla de jornalistas usando o pseudônimo “Cato” disseminaram o pensamento de que somente a verdade serviria como defesa contra a difamação, embora as leis britânicas criminalizassem críticas ao governo. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p. 21)

Aquele era um período de forte oposição das colônias americanas à coroa inglesa, fazendo com que a ideia de Cato influenciasse os próximos passos da imprensa norte-americana, marcada pelas reivindicações ao direito por liberdade no processo de fundação dos Estados Unidos da América, tornando a promoção da democracia a base do jornalismo americano. Sousa (2008, p. 81) relata que “em 1690, o jornalismo chegou às colônias

britânicas na América, fundadas por colonos profundamente religiosos e bastante alfabetizados, e que se vieram a converter, no século XVIII, nos Estados Unidos da América”.

Depois de declarada a Independência Americana, foram aprovadas pelo Congresso, ainda, dez emendas constitucionais ao Bill of Rights, o conjunto de leis do país. Na Primeira Emenda está assegurado até os dias atuais “o carácter constitucional e inviolável da liberdade de expressão nos EUA”. A lei explica a supremacia do país na produção de conteúdo mundialmente e as transformações no jornalismo até o modelo como conhecemos hoje iniciadas pelos estadunidenses.

No Brasil, no entanto, a implantação da imprensa teve um atraso de trezentos anos, aponta José Marques de Melo (1972), chegando junto com Dom João VI e corte portuguesa em 1808. O pesquisador, ao buscar entender os fatores que levaram um desenvolvimento tardio da imprensa brasileira, contesta a interpretação de historiadores sobre uma censura por parte de Portugal para evitar a emancipação de sua colônia. Em seus estudos, Marques de Melo conclui que a circulação de periódicos se mostrou socialmente desnecessária dado o cenário urbano e político da época.

Como já visto nos exemplos anteriores, a produção tipográfica depende do desenvolvimento comercial e industrial para subsistir, fatores inexistentes no Brasil-colônia onde, mesmo as áreas metropolitanas eram apenas vilarejos. O nível cultural da população também era muito baixo devido a necessidade de viajar para Portugal a fim de adquirir diploma universitário, privilégio das elites. Sem indústria, comércio, estrutura urbana e uma sociedade letrada, a presença da imprensa não fazia sentido, pois é uma atividade com finalidade de mercado.

A transferência da corte portuguesa para o Brasil após três séculos de colonização marca a implantação de prensas e tipografias devido a necessidade de circular informações governamentais, viabilizando a circulação do primeiro jornal brasileiro, a Gazeta do Rio de Janeiro. Outro impresso foi o Correio Braziliense, editado na Inglaterra, mas que sofreu censura até a Independência do Brasil em 1822 devido a centralização da imprensa no governo português. Foram os processos políticos do Período Regencial de Dom Pedro I que incentivaram o nascimento de uma imprensa popular:

O processo que levou à Independência do país gerou grande estímulo à produção autóctone de impressos, seja de obras literárias, seja de periódicos. As províncias, paulatinamente, foram incrementando a sua produção, o que, com o passar do tempo, acarretou tanto o desenvolvimento da imprensa local como a utilização de sua força política. Das lutas políticas que acompanharam a Independência, as elites

provinciais tiveram a noção da força que a imprensa tinha sobre a sociedade. Com isso, passaram a utilizar a imprensa como mecanismo de difusão ideológica sobre a sociedade. (OLIVEIRA, 2011, p. 133)

Os pasquins (Sodré *apud* Oliveira) foram a primeira e evidente expressão do jornalismo brasileiro. Eram livretos produzidos artesanalmente, vendidos nas tipografias e livrarias e utilizavam de linguagem excessiva para tecer críticas sociais e políticas, por estes motivos sempre alvos de censura. A percepção do poder da imprensa na sociedade fez com que esta tivesse papel fundamental nas reformatações políticas a partir de então, inclusive, na pressão abolicionista que culminou em 1888. Diversos jornais de cunho partidário surgem, com a industrialização do país no fim do século; empresas jornalísticas também, já com estrutura gráfica para maiores tiragens de maneira massificada.

Entre o final do século XIX e início do século XX, os Estados Unidos passavam por um momento de grande desenvolvimento econômico e demográfico, em que negros americanos recém libertos e um grande número de imigrantes europeus que fugiam da crise econômica no continente, buscando seus espaços. Neste contexto alavancaram seus negócios dois gigantes e concorrentes na indústria jornalística: Joseph Pulitzer (1847-1911) e William Randolph Hearst (1863-1951), protagonistas de uma disputa pela exclusividade na cobertura dos conflitos políticos. Com seus repórteres plantados em toda parte na busca de informações inéditas, deram lugar ao jornalismo sensacionalista característico do novo século, havendo a necessidade de organizar o excesso de narrativas dos fatos.

Naquele contexto foram instituídos os cursos superiores em jornalismo, sendo encontrados por meio da pesquisa acadêmica os padrões de apuração e processamento da avalanche de informações coletadas, utilizando paradigmas das ciências exatas. Assim, tal como as pesquisas científicas, para se ter informações jornalísticas, os dados seriam coletados com as fontes, deveria haver polifonia, ou seja, o confronto das testemunhas no texto, pois assim o material final apresentaria uma versão mais próxima da verdadeira. Na lei das três fontes, se três pessoas desconhecidas que nunca interagiram contam a mesma versão de um fato, é provável que seja verdade. Lage (2001, p.18) menciona também “que a relação com as fontes deveria basear-se apenas na troca de informações e que era necessário, nos casos controversos, ouvir porta-vozes dos diferentes interesses em jogo”.

Na academia surge, então, a estrutura de notícia tal qual usamos atualmente, na qual a informação mais importante do acontecimento deve vir de antemão no texto, ignorando a cronologia dos fatos e valorizando os questionamentos o quê, quem, como, quando, onde e

por que. Lage acredita que a técnica americana sobreviveu mesmo após os novos processos de trabalho no século XX e foi adotada como padrão em todos os países industrializados porque é capaz de adaptar-se a diferentes ideologias e temáticas. No *taylorismo*, por exemplo, acreditava-se que um profissional se tornava eficiente repetindo sempre a mesma atividade, pensamento que deu origem às linhas de montagem. Nas redações, tinha-se a figura do pauteiro, do repórter, do redator, redatores de *copy desk*, projetista gráfico e dos editores, cada um com uma função na produção dos jornais. Mas para o autor, o jornalista deve registrar os fatos com amplitude e a responsabilidade é ainda maior com a tecnologia, pois o repórter deve ser bom em apuração, em formular bons textos e ter noções de edição. Ele compara esse profissional multitarefa ao modelo toyotista dos anos 70, em que o operário deve entender o processo como um todo e ser versátil, capaz de desenvolver qualquer tarefa.

Já na atualidade, com a informação sendo primordial em cada passo do cotidiano e em uma sociedade de especialistas, como se refere Lage, tornou-se difícil a compreensão da amplitude pelo homem comum, tendo o jornalismo assumido o papel de tradutor de discursos técnicos e disseminador da informação. É do jornalista o papel de processar dados para chegar às pessoas como material informativo, isso porque não há outro profissional dedicado a ouvir e observar o que acontece sob sua própria óptica e traduzir levando em consideração o contexto social, desejos e necessidades do público. O repórter confronta diferentes perspectivas, além de selecionar fatos e versões que podem orientar o interlocutor a entender a própria realidade (LAGE, 2001). Tais feitos só se fazem possíveis porque o repórter, como veremos a seguir, alia a humanidade à técnica de reportagem.

3.2. A PRÁTICA E A TÉCNICA DA REPORTAGEM

Milton Jung ao falar do jornalismo de rádio diz ser “na reportagem que o jornalismo se diferencia, levanta a notícia, investiga fatos, encontra novidade, gera polêmica e esclarece o ouvinte. Fora dela, sobra pouco do ponto de vista da criação, quase tudo se resume a cópia” (JUNG, 2007, p. 114). A ideia pode expandir a reportagem como uma prática jornalística, independente do veículo. Embora toda pessoa seja capaz de informar, não existe outro profissional cujo objetivo seja unicamente apurar as informações que circulam, se não o jornalista.

Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari ressaltam, ainda, um certo estrelismo da reportagem dentro dos jornais como um gênero privilegiado, pois é o espaço voltado para

contar sobre a vida cotidiana onde a narrativa tem mais valor. Afinal, diferente dos demais formatos jornalísticos, não é o assunto do dia que segura o espectador, são os recortes, a personalidade do repórter, os personagens, a ambientação e a ação dramática. São elementos facilmente encontrados em uma história de ficção, por isso são utilizados para captar o público, porém, segundo os autores, o compromisso da narrativa com a informação objetiva separam reportagem de literatura. Pela obrigação de informar sobre um tema de relevância social, Sodré e Ferrari dizem que, seja qual for o tipo de reportagem, o texto não pode apresentar comentários ou ser prolixo, mas um “estilo direto puro” (SODRÉ; FERRARRI *apud* SILVA; BALTAZAR).

Kotscho (1989, p. 10) completa os pontos de vista citados ao afirmar: “o que realmente diferencia um jornal do outro – e, em consequência, um repórter do outro – é a sua capacidade de transformar os pequenos fatos que fazem o dia-a-dia da cidade, do país e do mundo em matérias boas de ler”.

O autor ressalta que, embora o surgimento da pauta tenha vindo para distribuir melhor o trabalho nas redações e selecionar os assuntos surgidos diariamente, o pauteiro não é capaz de criar encaminhamentos brilhantes para tudo. Kotscho acredita que a pauta acomodou os repórteres no sentido criativo, pois os tornou passivos aos comandos da chefia. “A melhor solução ainda é aquela que os antigos me ensinaram quando ainda não existia a tal da pauta: é garimpar bons assuntos, cultivando suas fontes, mantendo as antenas ligadas dia e noite, onde estiver” (KOTSCHO, 1989, p. 11). Na missão de escrever uma boa reportagem, vale ainda consultar as pautas do dia anterior não utilizadas ou simplesmente pegar a pauta do dia e utilizar apenas o tema. Para o autor, não existe fórmula para se fazer jornalismo, menos ainda na reportagem, pois cada história merece o tratamento que a ela couber.

Mais uma vez os argumentos se complementam quando Jung propõe que o ineditismo da pauta pode estar na abordagem: “para produzir uma reportagem, a originalidade do tema deve ser acompanhada da criatividade no tratamento da notícia. Esta, relacionada à forma, àquela, ao conteúdo. Ambas devem se contrapor ao lugar comum e à burocracia (...)” (JUNG, 2007, p. 116). Nilson Lage diz que a pauta quando é para reportagem não deve apenas acompanhar os desdobramentos dos novos fatos, mas explorar as causas e consequências, além de possibilitar investigação e interpretação. Deve ainda, se desprender da factualidade:

Nada impede, porém, que se programem reportagens sem *gancho*, principalmente em áreas relacionadas a serviço, como comportamento ou temas ligados à saúde. Em

todo caso, pautas de reportagens incluem o assunto; o fato gerador de interesse, se houver; a natureza da matéria (se narrativa, exposição de tema etc.) e o contexto; a linha editorial; uma definição mais precisa do que se espera em termos de aproveitamento; recursos e suporte técnico disponíveis (em televisão, tempo e condições de sonorização, acesso a efeitos especiais e *design* gráfico, participação eventual de produtores etc.).” (LAGE, 1989, p. 17)

Mário Erbolato (1985) discorre a respeito do que gera interesse em uma matéria, apontando o desejo do público em ver o que não sabe ou sabe superficialmente. O produto deve, ainda, atrair o máximo de leitores por meio do seu valor. Diante do grande volume de fatos diários, os jornais precisam ter critérios para selecionar o que vai ser publicado, chamados valores-notícia ou critérios de noticiabilidade. Erbolato lista uma série do que pode motivar a leitura de uma notícia, dos quais podemos destacar dois neste trabalho: proximidade e interesse humano.

A *proximidade* é um fator para definir quase todas as notícias, principalmente em veículos locais, pois o leitor tende a demonstrar mais interesse ao que acontece perto dele. O autor usa como exemplo a preferência em ler sobre problemas de iluminação pública no bairro do que sobre as atividades do presidente do Estados Unidos.

As notícias de *interesse humano* são aquelas que valorizam o homem como participante dos acontecimentos. Em situações trágicas, por exemplo, ouvir depoimentos das vítimas, encontrar histórias de vida por trás dos fatos no lugar de focar nos dados e prejuízos materiais.

Impacto, proeminência, utilidade, dinheiro, originalidade são outros requisitos para tornar um fato notícia. O importante é impactar a vida do receptor de alguma forma. Mas não só a categoria do assunto chama atenção em uma matéria, a narrativa também eleva seu valor.

Clóvis Rossi argumenta que a pauta e as normatizações atrapalham a reportagem. Para ele, além das limitações da pauta como “quase uma receita completa de como cada repórter deve fazer a sua reportagem” (ROSSI, 1980, p.7), a normatização do texto jornalístico, que deve responder às perguntas do modelo norte americano - o quê, quem, quando, como, onde e por quê -, atrapalha o estilo de redação do repórter.

Traçar um esquema muito rígido, segundo o autor, levou a um nível de padronização no qual repórteres e redatores perderam traços principais daqueles que trabalham com escrita como o domínio da língua, o personalidade na narrativa e a sensibilidade de encontrar meios para despertar a atenção do leitor durante todo o texto. Ao invés disso, eles passam a ser

meros dominadores de técnica ao seguir um roteiro pronto, sempre com as mesmas seis perguntas e, ainda, sintetizando as respostas no início da narração, o chamado *lead*.

Rossi tece ainda uma crítica aos filtros a que passam os textos do repórter, na época feitos pelo copidesque, sem questionar, claro, a importância do profissional na redação. O que se discute é a distorção da narrativa apresentada pelo repórter, que estava na externa, pelo copidesque, que está dentro da redação. O repórter, ao presenciar os fatos, tende a se impressionar mais com um aspecto do que com outro, ou dar mais ênfase ao que disse uma das fontes e, ainda, transmitir suas emoções no texto. Toda a subjetividade envolvida na construção da narrativa se perde com os cortes e alterações feitas pelo copidesque a fim de padronizar os textos para caber no escasso espaço dos jornais de grande circulação.

Sobre o rompimento da subjetividade sugerido pela normatização norte americana - embora hoje sabemos que a subjetividade no texto vai muito além do padrão jornalístico e envolve escolhas de narrativas, palavras, fontes, pautas, entre outros -, Nilson Lage destaca também, ao falar do uso de tecnologias com inteligência artificial para reconstituir fatos, sobre a importância da capacidade humana do repórter nos relatos em detrimento dos artefatos tecnológicos.

Segundo ele, indo ao encontro dos estudos modernos envolvendo jornalismo e subjetividade, o ser humano é constituído de crenças, vivências e uma natureza que o permite reagir às situações observadas por ele. Estando em campo, ao presenciar os fatos e lidar com pessoas, o repórter tem melhores percepções dos acontecimentos, sendo capaz de selecionar o que é relevante e vai chamar atenção do leitor. Não basta a capacidade intelectual para construir uma narrativa, pois inteligências artificiais também a possuem. O trabalho do repórter vai além do processamento técnico de dados, ele escolhe os rumos da apuração, compreende a realidade onde os fatos acontecem e, assim, conduz a narrativa. "Pode-se chamar isso de intuição, faro ou percepção. Mas nada tem de mágico ou misterioso: é apenas uma competência humana que, como todas as outras, pode ser aprimorada pela educação e pelo exercício" (LAGE, 2001, p.11).

Outra questão levantada por Rossi é a dificuldade de responder de fato às perguntas básicas do *lead* em um curto espaço de tempo:

Com ou sem padronização, é muito provável que um jornalista que consiga responder, com exatidão e o maior número possível de detalhes relevantes, às seis questões centrais de cada acontecimento (o quê, quem, onde, como, quando por que) produzirá um trabalho jornalístico no mínimo aceitável. (ROSSI, 1980, p. 12)

O autor propõe, ainda, uma maior atenção e priorização ao responder a pergunta *por que* dos acontecimentos. Esta pergunta é a mais subjetiva do modelo padrão se pararmos para analisar quantas motivações um acontecimento teve, seja das pessoas, da natureza, de fatores, enfim, toda sua a complexidade do assunto.

A resposta para o porquê dos fatos dificilmente cabe nos noticiários da televisão ou das rádios e mesmo nas colunas dos impressos. A pergunta exige certo aprofundamento do repórter nos antecedentes do fato para ser respondida. Porém, como aponta Rossi, os jornalistas não têm conhecimento universal que lhe permita escrever respostas para todos os temas. Mesmo em caso de ser especialista em política ou economia, o jornalista deve sempre recorrer às fontes que, geralmente, são os entrevistados.

Lage é um dos autores que classifica os tipos de fontes geralmente usadas pelo jornalista para apurar o assunto pautado. O pesquisador separa as fontes pela sua relação com o tema e nível de informação oferecida que, conforme resumem Silva e Baltazar (2013, p. 37), são:

Fontes oficiais: são os representantes do Estado, ocupantes de cargos de hierarquias mais altas nas instituições. Podem ser lideranças políticas, magistrados, diretores e afins.

Fontes oficiosas: são pessoas vinculadas a instituições ou personalidades, as quais têm acesso a informações privilegiadas. Estão entre fontes oficiosas funcionários, porta vozes, familiares, amigos.

Fontes independentes: aquelas à parte de relações de poder, que não têm interesse específico no tema, mas podem ter informações relevantes para compreender as dinâmicas do assunto abordado.

Fontes primárias: são aquelas ligadas diretamente ao fato, oferecendo versões, números, testemunhas. Enfim, tudo o que está na pré apuração como informação essencial para iniciar a reportagem pode ser considerado fonte primária.

Fontes secundárias: são os materiais coletados pelo jornalista para embasar a matéria como pesquisas, relatórios e dados. Entram na fase de checagem dos dados preliminares quando o jornalista as consulta para apurar o que já tem de informação.

Testemunhas: as fontes testemunhais são pessoas que presenciaram o fato e podem dar sua versão do que viram. Seus relatos podem ter mais valor na matéria do que o pronunciamento de uma fonte oficial.

Experts: também classificadas como fontes secundárias, são as fontes procuradas pelo jornalista para obter versões e interpretações dos eventos de quem tem domínio do tema.

Luiz Costa Pereira Junior ressalta que não há uma ordem infalível para abordar as fontes, mas que é possível se planejar para reduzir o risco de chegar na fonte mais importante sem uma informação que a primeira teria, por exemplo. Pereira Junior demonstra o modelo de apuração sugerido pelo pesquisador Pepe Rodriguez (*apud* Pereira Junior) no livro *Periodismo de Investigación: técnicas e estratégias*, no qual está uma possível sequência de consulta às fontes. Uma possibilidade é a consulta por ordem de importância informativa, da seguinte forma:

Antes de ir a campo para a primeira entrevista, é dever do repórter fazer uma sondagem inicial sobre a fonte, documentando tudo o que for possível. Assim, o ideal é começar pelas fontes secundárias, documentos e fontes técnicas, pois estão nessas os aspectos minuciosos da pauta, os quais serão usados para questionar a fonte principal. Basta traçar a importância informativa de cada fonte e abordá-las da menos para a mais importante, até porque, é provável que a fonte mais importante disponha de menos tempo para o repórter. Deste modo, ele chega bem mais preparado para a entrevista, mediante perguntas objetivas, conduzindo melhor o entrevistado. Mas claro, Rodriguez ressalta o cuidado em preparar a fonte para uma nova consulta ou entrevista se houver necessidade de mais detalhes.

Outra possibilidade é a consulta por ordem de crítica, na qual são abordadas as fontes de menor ao maior interesse no assunto em pauta. Desse modo, inicia-se a apuração pela fonte que se mostra desfavorável ao assunto para ouvir suas críticas sobre o tema em questão, depois, o repórter deve partir para as fontes neutras, geralmente técnicas, especialistas, aquelas que não tecem opiniões, no entanto, têm a contribuir com o assunto. Por fim, deve seguir para as fontes favoráveis, aquelas com opinião positiva quanto ao fato em debate na reportagem.

Esse procedimento permite ter um primeiro marco crítico, catastrófico, que pode dar ao menos uma medida do interesse pela notícia. Depois, o filtro técnico pode dar argumentos para confrontar as fontes desfavoráveis e parâmetros mais equilibrados para a entrevista com fontes favoráveis. (RODRIGUEZ *apud* PEREIRA JUNIOR, 2006, p. 84)

Seja qual for a ordem, o jornalista deve sempre confrontar a informação recebida com pelo menos mais duas fontes, ressalta Pereira Junior. Isso para evitar que o repórter se incline mais para uma informação que para a outra, tornando-se refém da fonte. Ao final, o

volume de dados não é mais importante que a precisão destes e, ainda assim, se houverem poucos dados, a apuração deve continuar. O autor indica que uma matéria pronta para ser publicada deve ter abundância de dados precisos.

A escolha das fontes para uma reportagem depende do caminho ao qual o repórter deseja conduzir o receptor. Também deve-se ter em mente o grau de instrução do público que vai receber a mensagem, tomando cuidado para que a cobertura do assunto não pareça superficial para os receptores. Embora estas escolhas iniciais sejam obrigações do repórter, ressalta Nilson Lage, existe a possibilidade da fonte não estar em conformidade com as estratégias do repórter. Ao final, o resultado da consulta às fontes depende "da intenção que essa fonte atribui ao repórter", visto que ela pode vê-lo como uma oportunidade ou uma ameaça, o que varia de acordo com seu *status* social. Mas as impressões podem ser contornadas com técnicas de conversação.

De início, o repórter pode tentar minimizar as suspeitas da fonte a seu respeito demonstrando estar em sintonia com as falas do entrevistado. Lage propõe, por exemplo, demonstrar compreensão das explicações de um cientista. Entrevistar uma fonte técnica sem leitura prévia sobre o assunto, afinal, demonstra desrespeito com o trabalho da fonte e pode causar no entrevistado a sensação de servir como mera ferramenta informativa. Tais atitudes devem ser adotadas com todo profissional entrevistado, externando interesse ao que este faz, tomando cuidado de ser um bom interlocutor. A entrevista, embora tenha como objetivo final conseguir material para produzir a matéria, é a arte de ouvir, sem ser conduzido pelo entrevistado, nem se comportar como uma máquina de perguntas, mas um profissional da informação. Lage (2001) enxerga esses cuidados como o mais importante para toda conversa, pois estabelecem a função fática, aquela onde existe uma relação de troca no lugar do disparo de informações unilateral. Apenas depois de esclarecidas as relações de poder entre entrevistador e fonte o assunto principal deve ser abordado.

Cumpridas essas manobras iniciais (estabelecido o contato com a fonte nos termos desejados), a atitude melhor, a maior parte do tempo, é aquela de quem presta atenção mas interfere o mínimo possível. A melhor aparência é neutra e convencional, o que inclui certa adaptação ao ambiente." (LAGE, 2001, p.25)

A consulta às fontes pode ser mais abrangente por meio da entrevista, uma conversa que além das informações, pretende coletar interpretações e reconstituir os fatos. Souza e Luíndia, em monografia sobre o processo de produção da reportagem, propõem que a entrevista é o momento mais importante:

A entrevista é, marcadamente, um dos pontos fulcrais para o bom andamento do trabalho de reportagem, pois é por meio dela que se dá fala às personagens e os coloca no centro de importância, humanizando o relato. Entrevistar é mais técnica do que arte, mais aprendizado do que inspiração. A hora da entrevista pode e deve acrescentar muito do que constituirá o texto, construídos sob o olhar conjugado entre o que o entrevistado diz e o que o repórter compreende a esse respeito, sinuosamente tendendo para o meio termo, para o equilíbrio entre ambos os discursos. (SOUZA; LUÍNDIA; 2011, p. 6)

Cremilda Medina diz que nesse processo de humanização da reportagem, a entrevista deve ser encarada muito mais como um diálogo do que como uma técnica. Isso porque pensada como técnica, ela deixa de ser uma ferramenta de comunicação humana para ser mera ferramenta de busca por respostas.

Um leitor, ouvinte ou telespectador sente quando determinada entrevista passa emoção, autenticidade, no discurso enunciado tanto pelo entrevistado quanto no encaminhamento das perguntas pelo entrevistador. Ocorre, com limpidez, o fenômeno da identificação, ou seja, os três envolvidos (fonte de informação—repórter—receptor) se interligam numa única vivência. A experiência de vida, o conceito, a dúvida ou o juízo de valor do entrevistado transformam-se numa pequena ou grande história que decola do indivíduo que a narra para se consubstanciar em muitas interpretações. A audiência recebe os impulsos do entrevistado, que passam pela motivação desencadeada pelo entrevistador, e vai se humanizar, generalizar no grande rio da comunicação anônima. Isto, se a entrevista se aproximou do diálogo interativo. (MEDINA, 1986, p. 6)

A autora evidencia, ainda, que existem entrevistas cujo objetivo é a espetacularização do indivíduo e outras, a intenção de compreendê-lo. Cita então os quatro tipos enumeradas por Edgar Morin, sendo aquelas com o primeiro objetivo: *entrevista-rito*, na qual vale mais uma palavra do entrevistado do que a informação, e a *entrevista anedótica*, aquelas pautadas unicamente pela fofoca. Com o segundo objetivo estão: a *entrevista-diálogo*, em que se busca o aprofundamento na pessoa do entrevistado ou em um problema no qual ele tem algum envolvimento e as *neoconfissões*, em que o mergulho pela alma do entrevistado é o que vale. É, finalmente, a entrevista em profundidade (MEDINA, 1986, p. 9)

Lage também relaciona quatro tipos de entrevistas possíveis que seguem a mesma linha conceitual de Morin: rituais, temáticas, testemunhais e em profundidade. Para direcionar a reportagem, abordada no tópico a seguir, as duas últimas são primordiais. Testemunhais porque "trata-se do relato do entrevistado sobre algo de que ele participou ou a que assistiu" e em profundidade porque este tipo de entrevista busca "construir uma novela ou um ensaio sobre o personagem, a partir de seus próprios depoimentos e impressões" (LAGE, 2001, p. 33)

Claro que, dividir a entrevista nestes grupos não é suficiente para englobar todas as abordagens possíveis, por isso Medina (1986, p. 9) aponta alguns desdobramentos para cada entrevista com intenção de espetacularizar e compreender o ser humano. Para as entrevistas cujo objetivo é a compreensão do indivíduo, a autora aponta os seguintes subgêneros.

A *entrevista conceitual*, na qual o repórter busca na fonte os conceitos dos quais ela tem conhecimento, é especialista. Nesse tipo de entrevista, diz a autora, “o entrevistador busca bagagem informativa, põe sua curiosidade e espírito aberto a serviço” das informações que a fonte detém, também compara correntes e interpretações de outros especialistas no mesmo tema.

Outro subgênero é a *entrevista enquete*, que busca respostas de pessoas aleatórias sobre um tema, com base em pauta e questionários básicos. Ou seja, define-se o objetivo da pauta e escolhe-se perguntas simples a serem feitas para todas as fontes, que devem estar em grande número.

A *entrevista investigativa* certamente é a que possibilita maior profundidade na apuração de uma pauta. O jornalista busca informação nas fontes mais remotas, sendo a habilidade de manter o sigilo essencial nesse subgênero. “Os temas de repercussão pública, como administração governamental, gestão dos dinheiros públicos, abusos de poder são os preferidos para que se pautem este tipo de investigação”, aponta Medina.

Nas entrevistas de *polemização-problematização* busca-se expor as ambiguidades e contradições em um fato. Para tanto, o jornalista deve mostrar habilidades de mediação, instigação e investigação ao coordenar o debate entre duas ou mais fontes. Mesa redonda, debate e painel são alguns dos formatos onde é realizado este tipo de entrevista.

Por fim, Medina traz a entrevista de *perfil humanizado*, formato que mais dá espaço para compreender a fonte. Nesta, o maior objetivo é a exposição do entrevistado, seus conceitos, valores, comportamentos e histórico de vida. Ressalta-se que essa exposição não vem de forma gratuita, a fonte deve estar envolvida em um fato e a entrevista vem para condená-lo ou glamourizá-lo, propõe Medina.

3.3. COMO HUMANIZAR O JORNALISMO

A essência do jornalismo está no compromisso com os valores humanos, tal qual aponta Jorge Ijuim (2017) ao elucidar que desde sua afirmação como profissão o jornalismo é norteado pela defesa a dignidade e liberdade do homem, na já citada Revolução Francesa e

assinhalada na Declaração do Direitos Humanos e no Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (FENAJ, 2007). Ijuim defende que, para fazer jus a esses acordos sociais firmados, a narrativa jornalística deve ter sempre o homem como ponto de partida e de chegada.

Ijuim analisa a falta de humanização no jornalismo quando caricaturiza o ser humano, ignora a complexidade de um fenômeno ou não reconhece o outro. A base dessas práticas estaria no nascimento do gênero reportagem no século XIX, marcado pela era industrial em que a informação deveria ser precisa, tendo como referência a apuração científica cartesiana.

Por caricaturizar ele quer dizer tornar fenômenos sociais mensuráveis em dados ao invés de refletir sobre causas e consequências, resumindo-os em fato-coisa e seus personagens também. Consequentemente, cria-se e reafirma-se estereótipos.

Ignorar a complexidade dos fenômenos é limitar a compreensão do mundo em nome da racionalidade, quando o jornalista dá maior importância a dados científicos do que aos valores humanos e personagens. Ijuim cita Paulo Freire ao dizer que o profissional deve firmar um compromisso com a sociedade em um processo humanizador.

Humanização, para Freire, portanto, exige engajamento com a realidade, cumplicidade com o outro – solidariedade. Ao negar este compromisso e esta solidariedade, o jornalista – alienado dos valores universais – ignora também a complexidade dos acontecimentos que deve investigar. (IJUIM, 2017, p. 238)

O autor resgata ainda o pensamento de Edgar Morin quanto ao paradigma simplificador criado por René Descartes de fragmentar ou unificar o fenômeno para compreendê-lo. Morin defende a ideia de tecidos, construídos de forma complexa, o que na atividade jornalística significa observar nas mais diferentes realidades acontecimentos que formam um tecido. Assim, o jornalista deve comprometer-se em compreender a complexidade da pauta, ser solidário às pessoas e desenvolvê-la buscando identificação com a audiência do veículo.

Quando fala de reconhecer o outro, Ijuim evidencia a estranheza com que a imprensa trata indígenas, prostitutas, migrantes ou pessoas pobres. O estranhamento vem de uma construção sociocultural – uma complexidade – que resulta na criação de estereótipos e na discriminação. Ao ganhar reprodução na imprensa, essa estranheza torna-se obstáculo no reconhecimento do outro, desqualificando o ser humano.

Em concordância com as ideias de Ijuim, o autor João Freire Filho aborda em seu artigo *Mídia, estereótipos e representações* a relação entre as representações de minorias na

mídia e o momento político da sociedade. A forma como grupos se movimentam politicamente a partir de produtos midiáticos está resumida no parágrafo a seguir:

A análise crítica da sub-representação ou da representação distorcida de identidades sociais (classes, gêneros, sexualidades, raças, etnias, nacionalidades) nos meios de comunicação de massa se consolidou, desde os anos 60, como um dos temas centrais da agenda dos estudos culturais e midiáticos. Tal inclinação teórica se harmoniza com a pauta de reivindicações dos novos movimentos sociais, notabilizados por uma preocupação profunda com a questão da identidade – o que ela significa, como é produzida e contestada. (FILHO, 2004, p.45)

Nas ciências sociais, observa-se uma crescente presença de debates acerca da significação simbólica que grupos dominantes fazem de grupos minoritários. O conceito mais abordado nesse sentido é o de estereótipo que, com base nos autores apresentados no texto, se trata da representação de um grupo por meio de atributos preconceituosos e reducionistas, sempre com o objetivo de afirmar discursos xenofóbicos, machistas e homofóbicos, por exemplo. A mídia, a imprensa, têm papel decisivo na formação identitária das pessoas, portanto, é dever do comunicador se despir do olhar colonizador ao representar a diversidade.

Medina retorna o debate sobre o equilíbrio entre técnica e sensibilidade do jornalista propondo que, para compor um texto ao qual o leitor se conecte, o ideal é se desfazer do padrão e permitir que a própria realidade o conduza para a estrutura da narrativa. Por romper os padrões, entende-se encontrar personagens incomuns, ressaltar recortes dos fatos antes ignorados e organizar a narrativa na ordem em que a mensagem esteja mais coesa. Medina compara o processo com a redação de romances, histórias de ficção com tramas que captam pela emoção, pela identificação. É em nome de uma boa estória que o repórter não deve ir para a entrevista com uma estrutura já estabelecida da sua matéria, mas dar espaço para que a realidade lhe ofereça a lógica da narrativa.

A autora critica então as imposições gramaticais e linguísticas dos jornais. Segundo ela, a exceção de regras de redação atrapalham a fluência da narração. De maneira informal, digamos que todas essas normas cortam o clima da história. Há tanta exigência em adaptar o texto ao estilo do jornal, respirando os manuais da língua portuguesa, ao ponto de não considerar que nos vícios de linguagem, em uma expressão regional, na coloquialidade, pode se alcançar a eficiência da mensagem.

Outra padronização que rompe a fluidez da narrativa é levantada por Adelmo Genro Filho (1987) ao afirmar que o modelo objetivo de jornalismo em pirâmide invertida “corresponde a uma descrição formal, empírica que nem sempre corresponde à realidade,

exatamente porque não capta a essência da questão” (GENRO FILHO, 1987 p. 221). Segundo o autor, a relação dos fatos não deve seguir uma ordem de maior para menor importância, respondendo às já citadas seis perguntas, mas trazer a singularidade de um fato em ordem decrescente, isto é, o que chama mais atenção em um acontecimento imediatamente e depois elencar seus aspectos mais gerais. O *lead*, como síntese de determinado acontecimento, pode inclusive, estar situado em qualquer lugar da matéria sem perder sua função comunicativa.

O *new journalism*, chamado por Pena (2006) de jornalismo literário, pode ser tomado como referencial de narrativa alternativa não-formal. O subgênero teve advento nos anos 60 com jornalistas estadunidenses e tem como característica a narração literária, em ordem cronológica e em primeira pessoa, dando ao repórter liberdade para contar o que viu minuciosamente. No Brasil, a referência mais antiga do estilo é Euclides da Cunha com a série de reportagens sobre a Guerra de Canudos que deu origem ao livro *Os Sertões*. O jornalismo literário, no entanto, é mais do que um estilo de redação:

Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embulhar o peixe na feira. (PENA, 2006, p. 6)

Na prática, o jornalista desenvolve as técnicas de redação do jornalismo tradicional, deixa de lado os princípios de atualidade e periodicidade, contextualizando o assunto da forma mais abrangente possível. No jornalismo literário o repórter deve tratar o tema pensando no compromisso social, ou seja, nas consequências que aquela pauta tem para a formação do cidadão, dá margem à subjetividade aplicando técnicas literárias nas narrativas, também ouvindo pessoas comuns, em lugar das fontes oficiais e, por fim, escreve com a intenção de que o produto torne-se atemporal, um ícone.

Esse jornalismo busca a “recuperação do prazer e do desejo de descobrir as pessoas, o contexto social em que vivem” (ALVES; SEBRIAN, 2008, p. 8), o que as técnicas jornalísticas predefinidas limitam pois, de tão concretas, constroem uma realidade simbólica.

A reportagem é o momento de praticar o jornalismo humanizado, pois está livre das amarras da notícia. Nesta, é possível dar protagonismo às pessoas e espaço para a compreensão do fenômeno pautado, pois ela permite profundidade e criatividade na construção a partir do que sugerem as autoras a seguir:

Ao invés de os profissionais se preocuparem com o imediatismo dos fatos e com a sua descrição podem transmitir aos seus leitores quem são os agentes dos fatos, as pessoas que os vivenciaram, por meio do relato de histórias, experiências, conflitos e sentimentos. Uma forma em que os protagonistas sociais não seriam meros figurantes das afirmativas dos especialistas. (ALVES; SEBRIAN, 2008, p. 14)

Para Alves e Sebrían é possível haver um equilíbrio de “informações objetivas, como estatísticas, números, dados, com as informações vivas, subjetivas, os sentimentos e desejos dos protagonistas” (2008, p. 14), em especial no ocidente, onde a sociedade desconhece as raízes de seus problemas. Quando se limita a narrar os fatos, o jornalista não cumpre seu compromisso social, não humaniza.

3.4. WEBJORNALISMO: informação em multimídia

O entendimento do termo web é o que se refere a um sistema de informações ligadas através de hipermídias que possibilitam ao usuário ter acesso a uma infinidade de conteúdos, através de buscadores na internet. À atividade jornalística que ocorre dentro desse sistema dá-se o nome de webjornalismo. Esta nova forma de jornalismo é um produto da sociedade da informação que, com o passar do tempo, transformou-se em sociedade informacional.

A despeito da similaridade aparente entre os dois nomes há distinções conceituais importantes. Para Castells (2011), o termo Sociedade da Informação tem como objetivo dar ênfase para o papel da informação na sociedade. Segundo ele, porém, a noção de informação foi essencial na construção de todas as sociedades ao longo da história, não havendo nenhuma exclusividade atribuída ao século XX ou a este. Por outro lado, o termo Sociedade Informacional incorpora significados mais amplos.

Indica o atributo de uma forma específica de organização social em que a geração, o processamento e a transmissão da informação tornam-se fontes fundamentais de produtividade e poder devido às novas condições tecnológicas surgidas nesse período histórico (CASTELLS, 2011, p. 65).

A sociedade descrita por Castells tem no cerne de sua organização uma forma de operar que faz da informação não só um elemento acessório, mas fundamental para seu devido funcionamento, e que integra nas mais diversas atividades do dia-a-dia. Essa mudança, aliada às inovações tecnológicas do século XX (no qual surge a internet) forma uma nova maneira de interação baseada em rede, que correspondem às necessidades modernas de conexões simultâneas e atemporais, daí o termo “sociedade de Rede” (Castells, 2011).

Castells diferencia em meio a Sociedade em Rede uma ênfase na comunicação instantânea, de forma que recolhemos informação quase de forma imediata por todo o globo, que nos é apresentada em formas hipermidiáticas sem nos oferecer contexto histórico. Desse modo, somos expostos a uma paisagem mental atemporal. (WEBSTER, 2006, p.109)

Em vista das circunstâncias históricas, a produção jornalística, antes restrita às grandes redações, foi cada vez mais ganhando corpo dentro do ambiente web (internet), os princípios mais fundamentais que norteavam a condução do trabalho informativo ainda permaneceram os mesmos, no entanto, a forma de fazê-lo mudou tão radicalmente quanto a capacidade, em potencial, de atingir grandes massas. Sobre isso, Castells (2011) explica que “trata-se de comunicação de massa porque alcança potencialmente uma audiência global”.

Henry Jenkins (2009) aborda três conceitos que correlaciona a fim de identificar o papel de consumidores e produtores de mídia em meio às transformações tecnológicas: convergência, cultura participativa e inteligência coletiva. A partir desses conceitos, percebe o poder dos consumidores na permanência e declínio dos meios de comunicação e a influências dos media do contexto social.

Convergência é mais uma transformação cultural do que tecnológica, pois os meios de comunicação tendem a se modificar à medida que a maneira de consumir modifica. O consumidor não aceita mais passivamente uma informação, ele quer opinar e fazer parte do processo de criação. A televisão, por exemplo, com o poder de fala que os telespectadores ganharam após o advento das redes sociais, precisou usar estas plataformas como forma de ouvir os anseios do seu público.

Na atualidade, o telespectador pode comentar, assistir e compartilhar o que é transmitido na televisão pela internet, compreendendo a cultura participativa. Nesse modo de consumo não-passivo, a massa ganha voz, e cada um pode falar sobre o conteúdo consumido, portanto, todos sabem de alguma coisa, criando uma inteligência coletiva.

Diante da cultura da convergência, as relações entre empresas de comunicação, tecnologia e mercado se modificam, porque agora a indústria midiática opera levando em conta o modo como o consumidor processa a notícia e responde a ela. Toda essa interação passa a alimentar a indústria, fazendo com que os media estejam em todos os lugares, podendo ser acessados em diversas plataformas.

Conforme será apontado mais a frente, no início da inserção dos jornais impressos na web inicialmente não utilizavam todos os recursos possíveis, basicamente disponibilizavam o mesmo conteúdo do impresso na internet. Foi o crescimento do público leitor na web e a

necessidade de nutri-lo que impulsionou os veículos a criar conteúdo específico para o digital (FRANÇA; VIANA, 2008, p. 7).

3.4.1. Contexto digital e novas formas

Entender o jornalismo praticado na internet perpassa, entre outras coisas, ter uma melhor percepção do ambiente web, que, em seus primeiros passos, tratava-se da Web 1.0; foi ainda nesta época que os grandes jornais brasileiros começaram a entrar na rede, primeiro com o Jornal do Brasil, em 28 de maio de 1995, seguido pela Folha de S. Paulo, que colocou seu conteúdo online no mesmo ano.

Os passos iniciais foram dados mas, com relação a forma, a publicação do jornal ou revista física pouco diferia de sua versão nas redes. O que havia até então era uma preparação para o que viria a ser a Web 2.0. Denominado “Web 2.0 Conference”, o evento aconteceu em 2004, criado pelo ativista de softwares livres Tim O’Reilly.

O termo Web 2.0 foi criado para recuperar os destroços causados pela ‘bolha.Com’ dos anos 1990 [...] Segundo O’Reilly, a Web dos anos 1990 tinha o conteúdo como característica definidora. A nova Web, Web 2.0, refere ao ter como seu carro-chefe a sociabilidade. Assim, se o conteúdo foi onde o capital foi construído durante os anos 1990, sociabilidade é a nova base sobre a qual O’Reilly e outros executivos de mídia e tecnologia plantam as novas sementes (HAN, 2011, p. 5).

O termo Web 2.0 é utilizado para descrever a segunda geração da World Wide Web, que se caracteriza pelo alto nível de interação e troca de informações entre usuários. A intenção das mudanças era a de facilitar a participação dos navegantes na organização do conteúdo. Neste ponto a relação entre os sites de notícias e os internautas passa a ser mais aberto, o que configura interatividade, nesses termos, entende-se a interatividade como a capacidade gradual que um meio de comunicação tem para dar maior poder aos usuários tanto na seleção de conteúdos (“interatividade seletiva”) como em possibilidades de expressão e comunicação (“interatividade comunicativa”) (ROST, 2006).

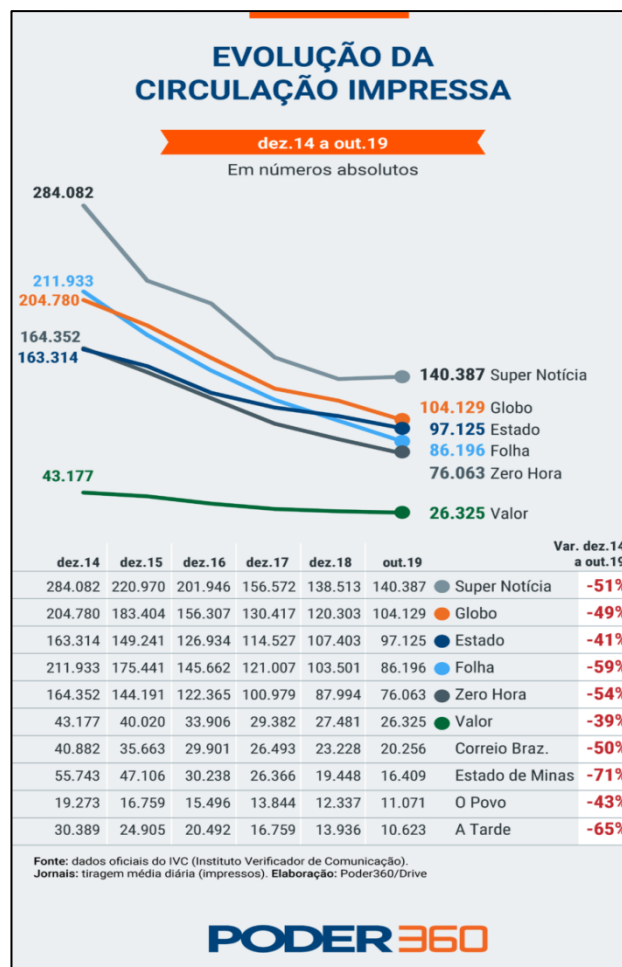
Seguindo a pretensão de interatividade, há surgimento de blogs, um espaço que seria fortemente usado pelo jornalismo opinativo, no entanto, foram as redes sociais (RSIs) que se destacaram nesse ambiente.

As RSIs são plataformas-rebentos da Web 2.0, que inaugurou a era das redes colaborativas, tais como wikipédias, blogs, podcasts, o YouTube, o Second Life, o uso de tags (etiquetas) para compartilhamento e intercâmbio de arquivos como no Del.icio.us e de fotos como no Flickr e as RSIs, entre elas o Orkut, My Space,

Goowy, Hi5, Facebook e Twitter com sua agilidade para microblogging (SANTAELLA, 2010, p. 7).

O portal Poder360 buscou dados de 10 dos jornais diários mais relevantes do Brasil e mostrou uma queda constante de procura por jornal impresso [figura 1]. Em dezembro de 2014, a mídia impressa tinha uma tiragem somada de 1,2 milhão de exemplares impressos. Em outubro de 2019, o número foi de 588,6 mil. Isso equivale a uma redução de 51,7%.

Figura 1. Evolução da circulação impressa



Fonte: Poder 360

Apesar da pesquisa mostrar que no ano de 2019 até mesmo a procura por assinaturas online nesses grandes veículos foram baixas, deve-se considerar que o número de conteúdos produzidos na internet não está restrito a essas grandes empresas, ao contrário, no universo digital não há centralização, existe uma diversidade de portais para acesso de conteúdo jornalístico. É importante avaliar que o recorte da pesquisa mostra a baixa procura pelo

impresso; é um evidente efeito do webjornalismo, que oferece assinaturas mais baratas = devido ao menor preço por anúncio online – ou nem cobra pelo acesso e também por atrair o público pela sua linguagem, possibilidade multimídia, facilidade de compartilhamento de notícias e proximidade com o leitor.

Pesquisa divulgada pela Comscore e reproduzida pelo Portal Metrôpoles mostra os 20 sites de notícias mais acessados do Brasil. No primeiro e no segundo lugar do ranking, estão respectivamente a Globo.com e o R7, duas marcas derivadas de redes de televisão e que permitem acesso gratuito ao seu conteúdo. No cardápio de audiência, a plataforma da Globo inclui diversos produtos, como site de notícias, páginas de entretenimento e portal de esportes, conforme a Figura 2.

Figura 2. Ranked Comscires



Fonte: Metrôpoles

De acordo com o ranking acima existe uma série de sites voltados exclusivamente para o conteúdo informativo online, mas também, grandes companhias de TV que migraram para este meio tentando auxiliar o modelo tradicional e o contemporâneo de fazer jornalismo. A intenção é suprir as necessidades da já citada sociedade de rede.

Para explorar de maneira mais detalhada as diferenças entre o jornal impresso e o online, antes de tudo, é preciso esclarecer que duas formas de produção correspondem a outras duas diretrizes jornalísticas específicas que são, respectivamente, a tradicional e a contemporânea, cada uma derivada de um contexto e adequada à necessidade de seus públicos.

Muito se fala na proximidade do momento em que o jornalismo tradicional irá sucumbir frente ao contemporâneo, o resultado natural deste acontecimento, uma vez concretizado, seria a saída de circulação do jornal impresso em contraste com a dominação digital. Entretanto deve considerar-se que o ecossistema comunicativo é dinamicamente construído à medida que rupturas e continuidades entram em negociação.

Considerando este tipo de relação, Santaella (2003) descreve a complexidade cultural contemporânea como resultado da coexistência de seis formações: a cultura oral, a cultura escrita, a cultura impressa, a cultura de massas, a cultura das mídias e a cultura digital. Essas formações não referem-se a momentos que acontecem sequencialmente com características evolutivas, mas a processos de adaptações pressionadas por contextos produzidos por movimentações econômicas, políticas etc.

O ambiente moderno é essencialmente complexo e com públicos de características diversas, portanto, por exigências múltiplas o jornalismo tradicional e o contemporâneo coexistem, assim como as maneiras de fazer de cada um, tanto como as formas de ler as notícias.

[Os gêneros e os meios] são hoje lugar de complexas tramas de resíduos e inovações, de anacronias e modernidades, de assimetrias comunicativas que envolvem, da parte dos produtores, sofisticadas estratégias de antecipação e, da parte dos espectadores, a ativação de novas e velhas competências de leitura. (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 236)

Ao falar em formas de ler é necessário recorrer a estrutura do texto jornalístico; exposto em meio impresso ou digital o texto precisa cumprir o seu objetivo, a depender do gênero, ao atingir o público-alvo, como demonstra o mapeamento "Gêneros e formatos na comunicação massiva periodística" de um grupo de pesquisadores da Universidade Metodista de São Paulo, coordenado pelo professor Marques de Melo (1998).

Pontuada a coexistência do jornalismo tradicional e do contemporâneo é preciso esclarecer o funcionamento do webjornal (que está incluso no contemporâneo): formas de apresentação textual, linguagem, recursos entre outras coisas.

Por definição o webjornal é uma site jornalístico de atividade na internet, mas para garantir a permanência na rede é necessário contratar um serviço de hospedagem site, que assegura que o conjunto de elementos que compõe o site estariam seguros.

Um site é um conjunto de arquivos (textos, imagens e códigos) que juntos formam as páginas que estamos acostumados a encontrar na internet. Os arquivos do site são lidos por programas especializados – os navegadores, mas antes esses arquivos precisam estar guardados em determinado local, o que chamamos de servidor. (HOSTGATR, 2016)

O servidor é um computador de alta capacidade e desempenho, diferente de um computador comum, ele possui a função de armazenar arquivos e deixá-los disponíveis para que outros computadores consigam acessá-los, por ter essa característica fala-se que este servidor "hospeda" sites. Esse serviço possui diversas modalidades, inclusive a gratuita (porém limitada) como: Hostinger BR, Weebly e Wix, como lista Daren Low (2022). O Estrategista Chefe, Fundador e CEO do Bitcatcha¹ coloca esses servidores em uma relação de 9 empresas de hospedagem de sites. Porém, independente da empresa o padrão de funcionamento do serviço é o mesmo [figura 3].

Figura 3. Funcionamento de hospedagem



Fonte: Hostgator

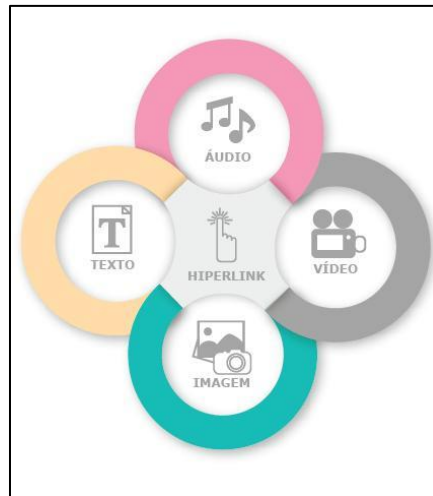
¹Daren Low fundou o Bitcatcha em 2014 na intenção de ser um site para avaliar plataformas de hospedagem online. Com o passar dos anos a plataforma se tornou um guia de negócios para pequenas empresas oferecendo na internet conteúdos sobre hospedagem, mas também de marketing, finanças e práticas para negócios online.

Uma vez que o site jornalístico está disponível para acesso, o que atrai o público é seu conteúdo. Voltando aos gêneros jornalísticos vale destacar os gêneros informativos (nota, notícia, reportagem e entrevista), que no meio impresso obedecem uma estrutura já consolidada, seguindo a fórmula da pirâmide invertida.

A praticidade do modelo consolidado não foi abolida no webjornalismo, mas com o espaço abundante e a forma de ler no ambiente virtual, há maiores possibilidades. Canavilhas explica que a técnica tradicional não acompanha a versatilidade que a internet pode oferecer:

Usar a técnica da pirâmide invertida na web é cercear o webjornalismo de uma das suas potencialidades mais interessantes: a adoção de uma arquitetura noticiosa aberta e de livre navegação. (...) Nas edições online o espaço é tendencialmente infinito. Podem fazer-se cortes por razões estilísticas, mas não por questões espaciais. Em lugar de uma notícia fechada entre as quatro margens de uma página, o jornalista pode oferecer novos horizontes imediatos de leitura através de ligações entre pequenos textos e outros elementos multimídia organizados em camadas de informação (CANAVILHAS, 2006, p. 7).

Como alternativa para a não extinção da pirâmide invertida na web, é possível adaptá-la com o acréscimo de hiperlinks, que permitem o acesso imediato a outras informações conectadas às que estão sendo consumidas pelo leitor. Canavilhas chama a essa nova arquitetura do jornalismo de pirâmide deitada, em que a leitura passa a ter níveis de informação conectados pelas hiperligações textuais, sendo esses níveis: unidade base, explicação, contextualização e exploração. A partir do resumo dos fatos, o leitor é quem escolhe o fluxo e a profundidade de leitura. A pirâmide deitada é uma dentre tantas possibilidades de estrutura narrativa no webjornalismo que ainda pode recorrer às pirâmides normal, mista herdadas do impresso, desde que adaptadas. Outros elementos também são anexados aos produtos jornalísticos, como vídeos e áudios, o que configura a hipermídia [figura 4]. Baccin (2017) explica que a hipermídia agrupa diversos formatos midiáticos e os reformula. Hipermídia pode ser definida, portanto, como a união de dois ou mais recursos multimídia (texto, imagem, vídeo e áudio, por exemplo) com o hipertexto.

Figura 4. Sistema de mídias integradas

Fonte: Design e educação tecnológica

Sendo assim, essas características hipermediáticas são o que estabilizam em alta o jornalismo contemporâneo, visto que esse fenômeno é potencializado pelo imediatismo da já citada “sociedade de rede”, que preza pelo consumo rápido de informações. Por outro lado, esses efeitos não se aplicam somente à notícia, mas a tudo que corresponde ao gênero jornalístico.

O webjornalismo trouxe linguagem própria, praticidade de navegar entre as editorias, nos elementos imagéticos que compõem o texto e a hipermídia. Na web o jornal ultrapassa as limitações do impresso mas não o extingue, o webjornalismo oferece mais possibilidades do que o tradicional, mas não o elimina, dando margem para a coexistência de ambos na comunicação.

3.5. PANDEMIA DE COVID-19: uma questão de saúde pública que escancara mazelas sociais

Em dezembro de 2019 um vírus até então desconhecido foi identificado na cidade de Wuhan, na China. À época, autoridades locais afirmaram que 400 pessoas haviam sido infectadas e 17 haviam morrido em decorrência da pneumonia causada pela infecção. Identificado como uma variação da família de coronavírus, o Sars-Cov-2 em meses se espalhou pelo mundo. Em dois anos de pandemia não houve conclusão sobre a origem do vírus, sendo a hipótese mais consistente a transmissão de morcegos por meio de outro animal. No Brasil, o primeiro caso foi divulgado em 26 de fevereiro de 2020. O vírus provocava a

doença chamada Covid-19, "sigla para *coronavirus disease2019* (doença do coronavírus 2019, em tradução livre)", aponta a Revista Galileu.

Foi declarada então, em 11 de março de 2020, uma pandemia, pois o vírus já havia se espalhado em mais de cem nações. "De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), em 18 de março de 2020, os casos confirmados da Covid-19 já haviam ultrapassado 214 mil em todo o mundo" (Freitas et al., 2020). O primeiro óbito pela doença no Brasil foi registrado em 10 de março.

No momento em que o vírus se instalara em diversos países, quase todos entraram em fase de mitigação (WERNECK; CARVALHO, 2020, p. 1). Esse protocolo tem o objetivo de evitar a contaminação daqueles com risco de desenvolver quadros clínicos graves, como pessoas idosas e imunossuprimidas. Para tanto, é feito o "isolamento vertical", no qual há redução do contato social com o cancelamento de aulas, eventos com grande quantidade de pessoas, fechamentos de estabelecimentos de lazer como shoppings e clubes.

Mas essas medidas não foram eficientes dado o colapso na saúde em que rapidamente entraram muitos países, com o exemplo da Itália que logo se tornou o epicentro da doença. Entre as orientações dadas pela OMS para conter a transmissão, o isolamento social era a mais eficaz, pois oferecia maior garantia de que os indivíduos não tivessem contato com o vírus. Essa fase é definida como supressão:

são implantadas medidas mais radicais de distanciamento social, de toda a população. Aqui o objetivo é adiar ao máximo a explosão do número de casos, por tempo suficiente até que a situação se estabilize no campo da assistência à saúde, procedimentos de testagem possam ser ampliados e, eventualmente, alguma nova ferramenta terapêutica ou preventiva eficaz (p.ex.: vacina) esteja disponível. (WERNECK; CARVALHO, 2020, p. 2)

Naquele momento, pessoas em centenas de países deveriam deixar suas rotinas aceleradas - características da década. A pandemia se tornou acontecimento do século e estudar suas nuances se faz fundamental para entender a sociedade da época. Um artigo publicado pela Fundação Oswaldo Cruz, alertou:

A estimativa de infectados e mortos concorre diretamente com o impacto sobre os sistemas de saúde, com a exposição de populações e grupos vulneráveis, a sustentação econômica do sistema financeiro e da população, a saúde mental das pessoas em tempos de confinamento e temor pelo risco de adoecimento e morte, acesso a bens essenciais como alimentação, medicamentos, transporte, entre outros. (FIOCRUZ, 2021)

O isolamento social adotado pelas autoridades locais para conter o vírus fez com que muitas empresas fechassem as portas, pois, sem vender, tornou-se inviável arcar com despesas de infraestrutura e pessoal. No Brasil, um levantamento publicado pelo Conselho Nacional do Comércio quando a pandemia completou um ano apontou “que 75 mil estabelecimentos comerciais com vínculos empregatícios fecharam as portas no Brasil em 2020, primeiro ano da pandemia da covid-19. Esse número é calculado a partir da diferença entre o total de abertura e de fechamento das lojas” (Agência Brasil, 2021). Os números do Mapa das Empresas publicado pelo Ministério da Economia são ainda maiores, apontando o fechamento de mais de 334 mil empresas entre abril e agosto de 2020 e quase 500 mil no mesmo período de 2021. A diferença é um aumento de 44,8%.

As consequências da crise econômica podem ser observadas no número de pessoas desempregadas mostrados na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) divulgada em março de 2020. A pesquisa apontou que mais de sete milhões de pessoas perderam seus empregos no ano de 2020, o que deixou menos da metade da população em idade para trabalhar ocupada formalmente. O salto foi de 11,9% dos brasileiros desempregados em 2019 para 13,5% em 2020, taxa recorde em vinte unidades da federação. Com as maiores taxas esteve a Região Nordeste e, com as menores, a Região Sul do país. "Esses resultados decorrem dos efeitos da pandemia de Covid-19 sobre o mercado de trabalho" (IBGE, 2021).

Por outro lado, aqueles que mantiveram seus empregos conviveram com a abertura e o fechamento das empresas de atividades não essenciais, em que o primeiro, as deixava mais expostas e suscetíveis à contaminação pelo coronavírus e o segundo, ter suas jornadas de trabalho reduzidas, impactando diretamente na folha de pagamento, ou aderir ao trabalho remoto, no qual a vida familiar e de trabalho deveriam ocupar o mesmo ambiente.

Em estudo feito pelo Instituto Ipsos e cedido à *BBC News Brasil*, 53% (cinquenta e três por cento) dos brasileiros entrevistados disseram ter notado uma piora no bem-estar emocional durante a pandemia, ficando em quinto lugar no *ranking* dos países com pessoas em piores situações emocionais dos 30 em que a pesquisa foi realizada. Em trecho da reportagem sobre o estudo, uma declaração do diretor-geral da OMS indica alguns fatores que propiciam esta situação:

"O impacto da pandemia na saúde mental das pessoas já é extremamente preocupante", afirmou, ainda em maio de 2020, o diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus.

"O isolamento social, o medo de contágio e a perda de membros da família são agravados pelo sofrimento causado pela perda de renda e, muitas vezes, de emprego".

Na época, a OMS alertou que entre os grupos de risco estavam, por exemplo, "mulheres, particularmente aquelas que estão fazendo malabarismos com a educação em casa e trabalhando em tarefas domésticas; pessoas idosas e quem possui condições de saúde mental pré-existent". (BBC NEWS BRASIL, em 14 de abril de 2021)

O levantamento do laboratório Pfizer, "Saúde mental na pandemia", feito em agosto de 2021, mostrou que os mais afetados ao longo da crise foram os jovens. A pesquisa ouviu dois mil brasileiros maiores de 18 anos de regiões metropolitanas, metade dos entrevistados com idade entre 18 e 24 anos disseram ter sentido impactos, dos quais 39% classificaram a saúde mental como ruim e 11% muito ruim. Do total de entrevistados, 16% foram diagnosticados com ansiedade e 8% com depressão, além de outros sintomas como tristeza, insônia, irritação, angústia e medo.

No Amapá, onde a presente pesquisa foi realizada, não foram encontrados dados disponíveis sobre os impactos da pandemia na saúde mental do amapaense. Com esta lacuna, falta embasamento para desenvolver políticas públicas de apoio emocional às pessoas que se encontram com dificuldades psicológicas no contexto pandêmico.

4. DESCRIÇÃO DO PRODUTO

O produto descrito nesse memorial é a reportagem para web "Isolados pelas ondas da Covid-19", texto publicado na íntegra na página localizada nesse link: <https://familycanutojorn.wixsite.com/website>. O ponto central da matéria são entrevistas em profundidade, conceituadas por Lage (2001), em um recorte temporal de 2020 a 2022, contadas por três pessoas que viveram a maior parte desse tempo isoladas em casa para evitar o contágio pelo coronavírus.

Os personagens falam da convivência familiar em tempo integral, da experiência de trabalhar ou estudar nesse ambiente, de seus temores durante o período, quais pensamentos as permitiram conviver com o isolamento por tanto tempo e de suas expectativas depois que tomaram a vacina contra a Covid-19. Em paralelo, a reportagem ouviu outras fontes por meio de entrevistas pontuais para que embasassem as informações. Nestas abordagens estão as fontes oficiais e experts, por exemplo.

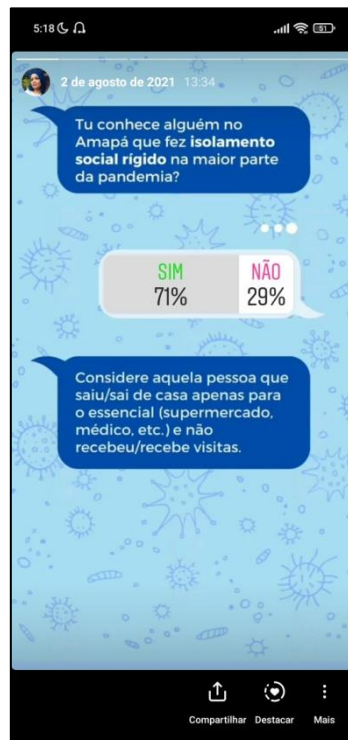
As fontes que deram vida à reportagem para web foram buscadas nas minhas interações sociais, fosse virtualmente, por meio das redes sociais, ou presencialmente em

situações corriqueiras. Após uma conversa informal, foram agendadas as entrevistas por chamada de vídeo ou voz e mensagens de texto, a depender de como a fonte se sentiu mais à vontade para falar. A escolha do diálogo à distância se deu pela necessidade de prevenir a contaminação por coronavírus.

O primeiro passo para encontrar possíveis personagens para este trabalho foi dado em 2 de agosto de 2021 por meio de um *story* na rede social Instagram, a única usada por mim ativamente. O recurso possibilita a publicação de vídeos e fotos que duram 15 segundos com diversas ferramentas de interação, uma destas a de enquete, escolhida para meu objetivo. Produzi então um vídeo que imitava uma conversa por mensagem de texto, tipo de publicação muito usado nas redes sociais.

Para a criação do vídeo, utilizei o site Canva, pela facilidade de uso e minha familiaridade prévia com suas ferramentas e recursos de edição gráfica gratuitos. No vídeo publicado coloquei os dizeres: "Tu conheces alguém no Amapá que fez isolamento social rígido na maior parte da pandemia?", "Considere aquela pessoa que saiu/sai de casa apenas para o essencial (supermercado, médico, etc) e não recebeu/recebe visitas" e disponibilizei os botões para "SIM" e "NÃO".

Figura 5. Enquete no Instagram para busca de fontes



Fonte: captura de tela arquivo de *stories* Family Canuto

Das respostas, 71% foram positivas e em seguida eu pedi àqueles que disseram "sim" para me indicar a fonte. Recebi quatro nomes de pessoas em isolamento social, dois deles indicaram a si mesmos, portanto consegui uma primeira conversa já no bate-papo do Instagram. As outras indicações eram duas mulheres com quem tentei contato posteriormente mas não se dispuseram a falar.

A enquete me garantiu duas entrevistas, uma delas não pôde ser concluída e não entrou na reportagem. A outra, seria com o personagem Tiago Fernandes, com quem cancelei por motivos de saúde e não consegui remarcar devido aos nossos compromissos pessoais.

4.1. CONSTRUÇÃO DA PAUTA

Retomei a produção deste trabalho em fevereiro de 2022 já com uma pauta indicando o encaminhamento da reportagem (apêndice I), tomando os cuidados apontados pelos pesquisadores Kotscho, Jung, Lage e Rossi para não traçar um esquema rígido de apuração baseados nas seis perguntas do lead. Jung propôs que a pauta pode se tornar inédita não por ser um tema novo, mas pela abordagem. Com esta base, selecionei um tema de conhecimento do público – a onda de casos da variante Ômicron após afrouxamento nos protocolos sanitários – e trouxe a perspectiva de pessoas que ainda se opõem a flexibilizar.

Lage (2001) aponta ainda que a pauta para reportagem, diferente da notícia, deve se desprender da factualidade e ater às causas e consequências do tema. Para tanto, a partir da notícia de aumento nos casos de Covid-19 e gripe, a pauta dessa reportagem propôs contextualizar esse cenário por meio de dados, pesquisas e entrevistas com autoridades e especialistas da saúde.

A reportagem "Isolados pelas ondas da Covid-19" segue o princípio de um jornalismo humanizado defendido pelos autores Cremilda Medina e Jorge Ijuim no tópico 3.4 acima. O termo se refere ao jornalismo com compromisso social, partindo do homem, em direção ao homem, valorizando as pessoas que fazem parte dos fatos. Se o homem é o ponto de chegada, o critério de noticiabilidade para seleção do tema pautado deve considerá-lo, como neste caso, em que usei o recorte local (critério de proximidade) e histórias de vida das pessoas envolvidas no fato (critério de interesse humano). Delimitada a pauta, pude partir para consulta às fontes.

4.2. DESENVOLVIMENTO DAS ENTREVISTAS

Iniciei a apuração da pauta por meio das fontes secundárias a fim de ter base para as entrevistas. Essas fontes, citadas anteriormente, podem ser pesquisas, relatórios, fatos. Buscando no Google dados sobre o isolamento social encontrei a pesquisa DataFolha realizada nos dias 12 e 13 de janeiro de 2022 questionando brasileiros com mais de 16 anos sobre os cuidados que estavam tomando mediante a explosão da Ômicron. Outro dado importante para a contextualização da pauta foi o aumento do Índice de Permanência Domiciliar (IPD) disponibilizado pela Fiocruz. Quanto aos dados regionais, parti do relatório divulgado em 3 de janeiro de 2022 pelo Centro de Operações de Emergência em Saúde Pública do Amapá mostrando aumento de 123,8% nos casos de Covid-19 em dezembro.

Temendo que fosse a mais trabalhosa, com os dados reunidos segui para uma fonte oficial (ligado ao Estado): a Superintendência de Vigilância em Saúde do Amapá (SVS). Na reportagem essa fonte é útil para entender porque o índice de isolamento no estado ficou abaixo da média nacional. Por meio de uma colega de graduação que trabalha na comunicação da Secretaria de Estado e Saúde obtive o contato do assessor de comunicação da SVS, que respondeu minha mensagem de imediato no dia 11 de fevereiro. No texto eu me apresentei, expliquei minha pauta e perguntei se poderia agendar uma entrevista ou ter uma nota com as informações que eu precisava. O assessor então me pediu as perguntas e em menos de uma hora obtive as respostas. Definitivamente foi a fonte mais fácil de lidar.

Ao mesmo tempo que falava com o assessor, por outro lado, tive dificuldade em conseguir falar com um médico, a fonte expert para me explicar a situação nas Unidades Básicas de Saúde, então superlotadas com pacientes de gripe e Covid-19. Na minha agenda eu só tinha contato do clínico geral Clodoaldo Figueiredo (CRM 1908) e eu não tinha certeza se ele atuava em Centro de Covid-19. Ainda assim, realizei a primeira tentativa de entrevista por mensagem de texto. Após três dias de espera, em 14 de fevereiro decidi procurar a irmã dele, com quem eu trabalhava meses antes. Assim confirmei que ele e a esposa, também médica, trabalham no Centro de Covid-19 do município de Porto Grande, interior do estado, por isso não tive retorno. Para conseguir as respostas, a irmã imprimiu as perguntas e entregou para Clodoaldo responder manualmente. Passados cinco dias, em 18 de fevereiro, perguntei pelas respostas, mas ela ainda não havia se encontrado com o irmão. A devolutiva aconteceu em 23 de fevereiro.

Até aquele momento eu não havia tido sucesso com as fontes independentes, aquelas cuja contribuição na matéria são a própria história. Mas em 15 de fevereiro solicitei por

mensagem de texto para Eduarda Santos que me desse seu relato sobre os dois anos em isolamento social. Conheço Eduarda desde o Ensino Médio e sabia que ela nunca fez qualquer flexibilização na pandemia. Ela aceitou falar e no outro dia realizamos a entrevista de forma que eu enviava a pergunta e Eduarda respondia por mensagem de áudio. Assim, eu poderia levantar novas questões de acordo com as respostas que chegavam.

Nesse intervalo de tempo, meu notebook apresentou defeito e eu não poderia gravar chamadas de vídeo com os entrevistados, por isso precisei mandar para uma assistência técnica. Desde o início da pandemia, quem tem resolvido meus problemas tecnológicos é o Tiago Fernandes que tem uma assistência no meu bairro e busca o equipamento em casa. Como ele já havia manifestado interesse em dar seu relato, aproveitei a visita profissional em 16 de fevereiro para perguntá-lo se fez isolamento social na recente onda de Covid-19 e gripe. No que ele afirmou, ficou decidido que responderia minhas perguntas por mensagem de áudio, o que ele fez em 18 de fevereiro.

O terceiro personagem, Pablo Coelho, foi indicação da minha orientadora neste trabalho, professora Roberta. Ele também continuou evitando sair de casa mesmo após a vacinação. Roberta já havia falado sobre mim a ele, então em 28 de fevereiro o procurei para agendar a entrevista. Dessa vez pude realizar a entrevista por chamada de vídeo com o notebook da minha irmã usando o aplicativo Zoom Meet, que disponibiliza o recurso de gravação gratuitamente.

A ideia foi que as entrevistas dos personagens acontecessem como uma conversa, um desabafo. Para tanto, como definido nos procedimentos metodológicos, foram feitas entrevistas em profundidade/perfil humanizado. Na prática, da maneira expostas por Nilson Lage e Cremilda Medina, algumas perguntas pontuais foram pré-estabelecidas para conhecer melhor os personagens, com poucas interrupções, deixando a fonte livre para contar suas histórias.

Eu redigi a reportagem após cada entrevista, assim, pude ter ideia do desenvolvimento da apuração e do que faltava para ter um texto coerente. Para fins de contextualização, precisei recorrer aos portais de notícias do Governo do Amapá, Prefeitura de Macapá e Prefeitura de Santana como fontes oficiais sobre o andamento da pandemia e vacinação no Estado. Após traçado o panorama atual da Covid-19, minha orientadora sugeriu que um médico especialista falasse sobre o quadro dos pacientes na onda de Omicrôn,

enriquecendo o teor informativo da reportagem. Ela me indicou então um médico radiologista e uma médica pneumologista, ambos atuantes na Covid-19.

O radiologista Achilles Campos estava em viagem quando entrei em contato no dia 28 de fevereiro, mas disse que poderíamos marcar no seu retorno, durante o feriado de Carnaval (1º de março). Após o período festivo, o procurei novamente e, dentre as opções que dei, ele achou melhor gravar um vídeo respondendo às questões. Em 7 de março, Dr. Achilles pediu desculpas por ter esquecido do vídeo e, mostrando compreensão, sugeri que respondesse rapidamente por mensagens de áudio. Com as repetidas tentativas sem sucesso, procurei a pneumologista, mas ela se mostrou bastante atarefada para me atender. Em 9 de março, tentei pela última vez com Dr. Achilles, foi quando ele me enviou os áudios.

Com a reportagem pronta, fez-se necessária mais uma fonte expert para falar especificamente dos conflitos individuais trazidos pelo isolamento social, nesse caso, uma psicóloga. Pelas redes sociais, vi o perfil da psicoterapeuta Aline Guimarães que trabalha na Abordagem Centrada na Pessoa, cujo foco é o autoconhecimento. No dia 19 de abril enviei então uma mensagem em seu perfil profissional solicitando a entrevista. Devido a agenda cheia, combinamos que ela enviasse as respostas por mensagem em até dois dias, prazo que ela não conseguiu cumprir. Após uma semana tentando reotorno com a psicóloga, obtive as respostas.

4.3. ESTRUTURA TEXTUAL

Com a reportagem digital "Isolados pelas ondas da Covid-19", desde o planejamento, pretendi realizar um produto jornalístico alternativo a objetividade do jornalismo factual, que abre as matérias com um lead e traz os pormenores por meio de declarações rasas de uma fonte oficial, um especialista e uma testemunha. No jornalismo humanizado, as razões para um acontecimento e as histórias de pessoas incomuns têm mais valor do que a factualidade. A imparcialidade perde lugar para o envolvimento e solidariedade do repórter com a realidade dos personagens.

Resgatando o que disse Medina, essa realidade deve oferecer lógica da narrativa, então, percebendo que uma série de fatores explicavam a permanência dos personagens no isolamento social, optei por utilizar a pirâmide mista, que me oferecia maior flexibilidade na estrutura do texto. Assim, trago o fato principal no primeiro parágrafo, característico da pirâmide invertida, seguido do contexto em que aconteceu para que, por fim, pudesse trazer os

relatos dos personagens em pirâmide normal, na ordem cronológica com algumas técnicas pontuais do jornalismo literário. Em resumo, o sistema misto une pirâmide invertida e pirâmide normal.

Preciso destacar a escolha de usar citações dos personagens nos intertítulos. Esse é o momento do texto em que o espaço não é mais de dados, estatísticas ou apontamentos científicos, mas de dar voz às pessoas. Ao buscar a essência da realidade de cada uma delas, percebi que se perdia quando eu formulava uma sentença em terceira pessoa no formato sujeito+verbo+complemento. Relendo cada relato, percebi que a essência estava resumida em fragmentos de falas dos três personagens, por isso deixei que cada um abrisse seu relato.

4.4. DIAGRAMAÇÃO DA REPORTAGEM DIGITAL

A reportagem aqui descrita foi produzida para fins de cumprir as atividades do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), de forma independente, motivo pelo qual não foi publicada em um site com registro de domínio. Deixo como proposta a publicação no site da Agência de Comunicação Experimental (AGCOM) da Unifap após a defesa do produto.

Como formanda desta universidade, acredito ser coerente a divulgação dos produtos produzidos no ambiente acadêmico em plataformas da própria instituição de ensino, além de servir como incentivo e vitrine para os jornalistas que forma. Dito isso, a diagramação da reportagem digital foi realizada com finalidade de exposição para a banca e a seguir justifico as escolhas visuais do site.

Toda a diagramação da reportagem foi feita por mim com a plataforma para hospedagem de sites Wix.com, que possui centenas de layouts prontos e um editor bastante intuitivo. Usei a plataforma porque tive algumas aulas de uso na disciplina de Webjornalismo durante a graduação, o que me garantiu uma familiaridade prévia com suas ferramentas.

Para fugir dos layouts prontos do Wix busquei referências de sites jornalísticos que suprissem minha necessidade de expor a reportagem oferecendo flexibilidade ao conteúdo quando publicado em outro local.

Assim, a versão online da Revista Piauí serviu de inspiração para a estrutura visual do meu trabalho devido ao layout limpo, que valoriza a matéria por não apresentar elementos ao redor do texto e a foto de capa ocupando todo o cabeçalho. É possível verificar a referência já na abertura da matéria, com foto de Gabriel Maia.

Figura 6. Capa da reportagem digital “Isolados pelas ondas da Covid-19”



Fonte: <<https://familycanutojorn.wixsite.com/website>>

Figura 7. Referência de layout da Revista Piauí online



Fonte: <<https://piaui.folha.uol.com.br/aldeia-inteira-estava-com-covid/>>

Resgatando características dos jornais impressos ao delimitar textos extensos, utilizei elementos indicando o começo e o final da reportagem. Abri o texto com uma capitular, ou seja, o primeiro caractere em tamanho maior que os demais. Na linguagem gráfica, as "capitulares iniciais marcam o início de um capítulo ou de um artigo" (SALTZ, 2010, p. 138) e nos jornais, impressos e online, aparecem para indicar a mudança no teor informativo de um bloco textual para outro. Para fechar o texto, utilizei uma sequência de formas geométricas alinhadas verticalmente.

Figura 8. Fechamento da reportagem “Isolados pelas ondas da Covid-19”

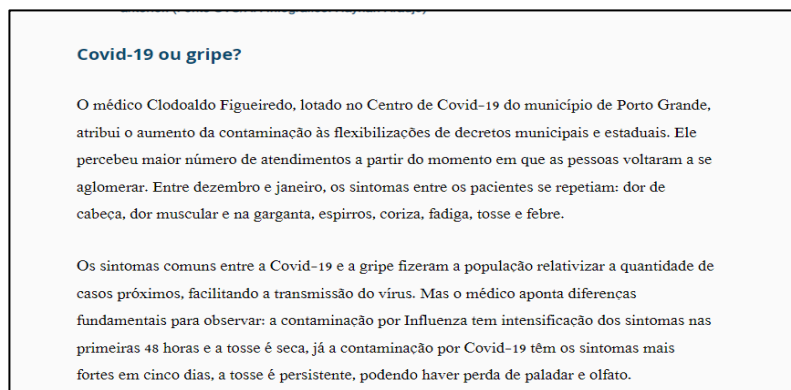


Fonte: <<https://familycanutojorn.wixsite.com/website>>

A identidade visual da reportagem é monocromática, na cor azul-escuro. Optei por utilizar esta tonalidade fria por proporcionar a sensação de acolhimento e tranquilidade. O azul também é uma cor frequentemente associada aos cuidados com a saúde e à ciência. Quanto a cor da fonte no corpo do texto, decidi não sair do tradicional preto no branco pelo conforto visual no momento da leitura.

Quanto a tipografia do texto é na maior parte composta de fontes serifadas, ou seja, com traços prolongados nas extremidades: EB Garamond (título) e Frank Ruhl (corpo de texto). Esse tipo de fonte é comumente encontrado em livros e jornais porque oferecem a impressão de continuidade, dando um ritmo confortável de leitura para textos mais extensos. Quanto aos intertítulos, a fonte sem serifa Open Sans é usada para dar destaque a nova seção e indicar a mudança de informação.

Figura 9. Tipografia utilizada na reportagem digital “Isoladas pelas ondas da Covid-19”

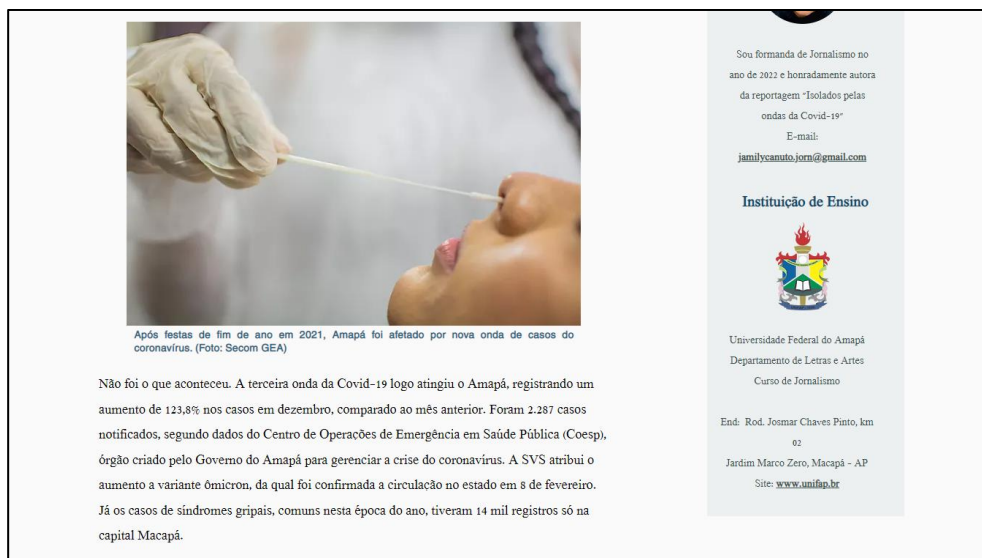


Fonte: <<https://familycanutojorn.wixsite.com/website>>

Escolher uma fonte serifa clássica em estilo antigo, em contraste com uma contemporânea sem serifa, pode transmitir uma ideia de credibilidade e confiabilidade, ou ainda noções de tradição ou significância histórica. Misturar fontes ao longo da publicação pode criar uma ideia de contextos inter-relacionados, ou ideias de diversidade cultural, além de ajudar a diferenciar os componentes informacionais das diferentes seções. (TABAK, 2014, p. 22)

As imagens na reportagem também são utilizadas para demarcar os assuntos tratados, mas sobretudo, têm caráter informativo junto às legendas. A partir do terceiro parágrafo da matéria, por exemplo, é abordado o aumento de casos positivos de Covid-19 no Amapá, então foi usada a foto de um profissional da saúde coletando a amostra de secreção nasal de uma mulher e a legenda indica a chegada da nova onda de contaminação no estado. Após três parágrafos, um infográfico demonstra o aumento dos casos. Mesmo sem ler o texto, quem percorrer os primeiros parágrafos vai receber a informação.

Figura 10. Uso de imagem como informação na reportagem digital “Isoladas pelas ondas da Covid-19”

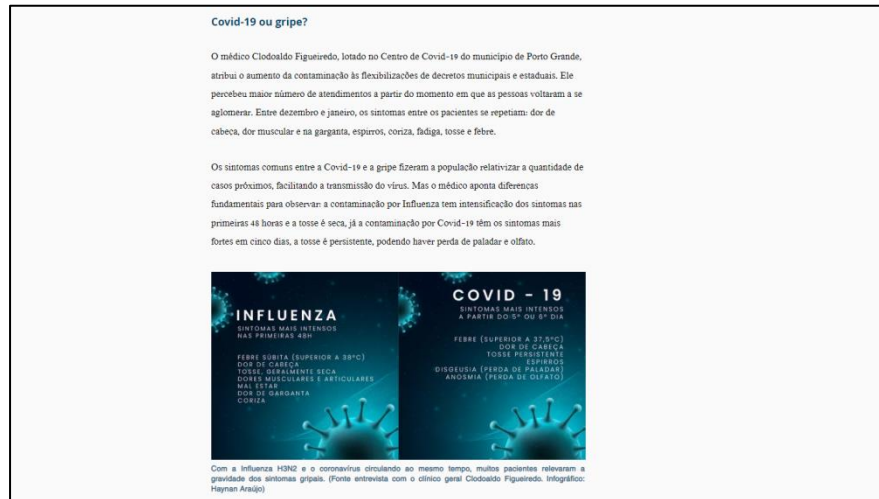


Fonte: <<https://jamilycanutojorn.wixsite.com/website>>

Outro momento em que o infográfico se fez importante foi na segunda seção intitulada "Gripe ou Covid-19?", que trata sobre a quantidade de pacientes com as duas doenças em janeiro de 2022. Diferenciar os sintomas em texto corrido poderia causar ruídos de comunicação devido a repetição de termos, por isso optei por resumir e uma tabela, pensando na facilidade de compreensão visual. Lima *et al.* (2015, p. 186) quando analisaram a transição da infografia do ambiente impresso para o online destacam que “os infográficos têm ajudado os leitores a compreender e processar informações de forma rápida, e isso ocorre, em parte, pelos meios variados de simbolização disponíveis em um infográfico”. Vale ressaltar

que os infográficos presentes na matéria foram produzidos pelo publicitário e colega de trabalho Haynan Araújo. Repassei para ele o conteúdo e a cor usada no site, dando liberdade para variar a tonalidade e escolher as fontes.

Figura 11. Uso de infográfico para rápida apreensão de conteúdo na reportagem digital “Isoladas pelas ondas da Covid-19”



Fonte: <<https://familycanutojorn.wixsite.com/website>>

No segundo momento da reportagem, as fotos aparecem para apresentar os personagens ao leitor e aproximá-los dele. Devido ao isolamento social, não pude produzir fotos autorais para a reportagem, portanto solicitei que me enviassem fotos de seus arquivos pessoais em momentos que representassem seus relatos.

Figura 12. Uso de foto para apresentação de personagem na reportagem digital “Isoladas pelas ondas da Covid-19”

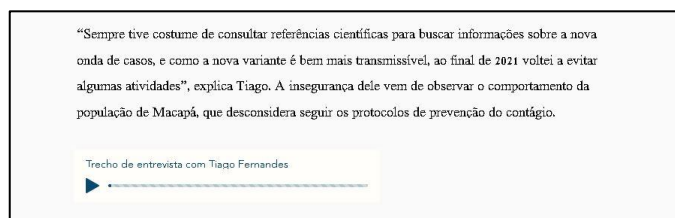


Fonte: <<https://familycanutojorn.wixsite.com/website>>

Com a reportagem digital, pude explorar ainda os já citados recursos multimídia na narrativa para demonstrar a personalidade dos entrevistados. A entrevista por mensagem de voz com Tiago possibilitou a coleta de uma sonora. Ele é mais introspectivo e seu tom de voz comunica bastante, então selecionei um trecho em áudio para conectar o leitor com ele.

Pablo, por sua vez, tem boa apresentação, devido ao trabalho como professor universitário e terapeuta, portanto incluí uma sonora da entrevista por chamada de vídeo. A entrevista também tem contribuições sobre a pandemia para além da pauta, por isso disponibilizei no Youtube com um hiperlink dentro da reportagem digital.

Figura 13. Uso do recurso de áudio na reportagem digital “Isoladas pelas ondas da Covid-19”



Fonte: <<https://jamilycanutojorn.wixsite.com/website>>

Figura 14. Uso do recurso de vídeo na reportagem digital “Isoladas pelas ondas da Covid-19”



Fonte: <<https://jamilycanutojorn.wixsite.com/website>>

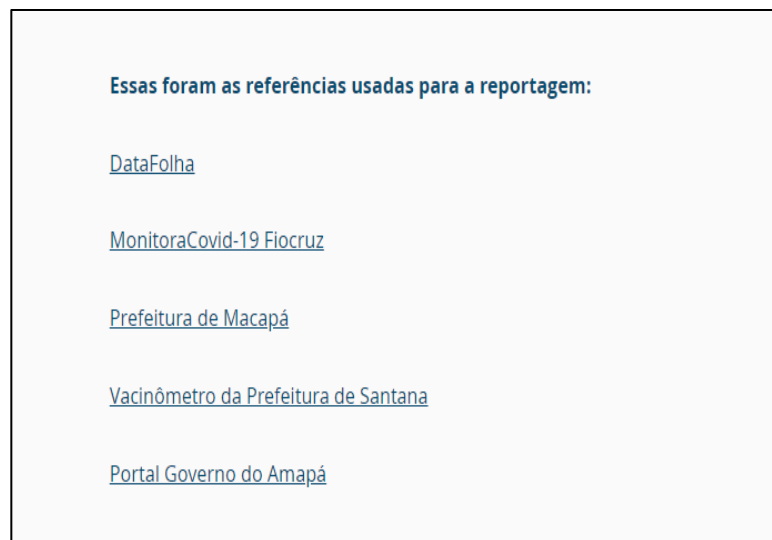
Canavilhas (2014 p. 30) propõe que a multimídia é “a combinação de pelo menos dois tipos de linguagem em apenas uma mensagem” que geralmente exploram os sentidos corporais de audição, visão e tato porque são os mais usados pelas pessoas para receber e enviar informações. Nessa perspectiva, utilizei os elementos para garantir maior eficiência da mensagem por meio da visão e da audição.

Outro elemento característico das reportagens na internet são os hiperlinks, os fragmentos de texto que conectam a textos de outras páginas como já abordados no tópico sobre webjornalismo. São esses hiperlinks que garantem às reportagens na internet uma hierarquização do conteúdo de forma horizontal em que o leitor tem liberdade para escolher o percurso de uma leitura não-linear. A pirâmide invertida agora é pirâmide deitada.

O uso de hiperlinks criou a reportagem hipermidiática ou *long-form* (LONGHI, 2014) que recebe esse nome tanto pela extensão textual quanto pela profundidade informativa garantida pelas hiperligações e recursos multimídia. Diria que é uma herdeira das grandes reportagens do impresso.

Utilizei também as hiperligações levando meu leitor para as fontes que usei em sites externos durante a leitura da reportagem, quanto de uma forma. Pela escolha da pirâmide mista, em que o leitor segue a leitura de forma verticalizada antes do ápice da narrativa, que são os relatos, também disponibilizei os mesmos hiperlinks ao fim do texto. Inspirada no site do Nexo Jornal, ao fim da reportagem criei o bloco “Essas foram as referências usadas para a reportagem” que oferece mais leituras sobre o assunto abordado.

Figura 15. Uso do recurso de hiperlinks na reportagem digital “Isoladas pelas ondas da Covid-19”



Fonte: <<https://jamilycanutojorn.wixsite.com/website>>

Figura 16. Referência no uso de hiperlinks pelo site Nexo Jornal

QUANDO pandemias marcaram a história

COMO enfrentar uma pandemia

ONDE as pandemias são mais perigosas

POR QUE pandemias são prováveis agora

EM ASPAS

NA ARTE

Vá ainda mais fundo

COMPARTILHE

[f](#) [t](#) [@](#) [v](#)

Vá ainda mais fundo

“A pandemia do coronavírus no Brasil e no mundo”, index de reportagens, entrevistas, gráficos, vídeos e ensaios do **Nexo**

[Site da OMS](#) sobre o coronavírus

“Como as pandemias se espalham”, vídeo de Mark Honigsbaum, escritor e jornalista especializado em ciência e saúde, para o canal TED-Ed no YouTube (em inglês, com legendas)

“[Pandemias: A humanidade em risco](#)” (Contexto, 2011), livro do escritor e infectologista Stefan Cunha Ujvari

“[Armas, germes e aço](#)” (Record, 2017), livro do escritor e biólogo Jared Diamond

“[Pandemic: Tracking contagions, from cholera to Ebola and beyond](#)” (“Pandemia: Rastreamento de contágio, da cólera ao Ebola e além”, em tradução livre), livro da jornalista de saúde Sonia Shah (em inglês)

“[Spillover: Animal infections and the next human pandemic](#)” (“Spillover: Infecções animais e a próxima pandemia humana”, em tradução livre), livro do escritor de ciência David Quammen (em inglês)

RECEBER

Inscreva-se com essa

INSIRA SEU E-MAIL

RECEBER

Este site é protegido por reCAPTCHA e a Política de Privacidade e Termos de Serviço Google se aplicam.

Fonte: <<https://www.nexojornal.com.br/explicado/2020/06/20/Pandemia-origens-e-impactos-da-pestebub%C3%B4nica-%C3%A0-covid-19>>

5. CRONOGRAMA DA PESQUISA

CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO ENTRE 2021 E 2022											
		MÊS									
		Abr	Mai	Jun	Jul			Fev	Mar	Abr	
1 ^a F A S E	Produção do projeto experimental	X	X	X	X	2 ^a F A S E		Primeiras entrevistas com personagens	X		
	Entrega do projeto experimental			X				Redação dos relatos coletados	X		
	Ajustes sugeridos pelo orientador				X			Coleta de dados complementares aos relatos		X	
	Realização de conversas iniciais com personagens				X			Diagramação da grande reportagem	X	X	
2 0 2 1								Elaboração do memorial edescrição do produto para o memorial		X	
								Defesa do Trabalho de Conclusão de Curso			X

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa representou uma compreensão da alma do repórter. Partiu da ideia de relatar um dos maiores acontecimentos do século XXI – a pandemia da Covid-19 – pela perspectiva dos isolados e mergulhou em um percurso onde transformações foram possíveis porque a figura do repórter é dotada de subjetividade, da capacidade de observar, interpretar, interagir socialmente e transmitir emoções, sendo um intermediário para as ações da sociedade usando da sua linguagem.

Se uma das problemáticas para este trabalho era a objetificação de personagens no jornalismo cotidiano, foram encontrados caminhos para a humanização daqueles envolvidos em um fenômeno social noticiável. Desta forma, voltamos à pergunta inicial deste projeto: a reportagem, por meio de relatos dos personagens, é o formato que melhor causa identificação dos receptores com a pauta? Após concluída a revisão de literatura pode-se dizer que a hipótese positiva apresentada para esta problemática foi confirmada. Análises a seguir feitas pelos autores consultados para este memorial corroboram com esta afirmativa.

A criação da lei das três fontes nos primeiros cursos de jornalismo já demonstrava uma necessidade por relatos nos textos jornalísticos. O assunto foi abordado a partir dos estudos de Nilson Lage no tópico “Uma História da Reportagem”. As falas de quem presenciou um acontecimento, ao repetirem um padrão, garantem ao receptor a veracidade do que está sendo narrado, pois o aproximam da realidade. Percebe-se, então, que os relatos conectam informação e público, como nas diversas falas da reportagem sobre isolamento social. São exemplos os momentos em que pedi para os médicos falarem dos pacientes atendidos por eles mesmos para evidenciar o aumento de casos de coronavírus e gripe ou os efeitos positivos da vacina. Os dados já haviam sido apresentados, mas não oferecem uma perspectiva de realidade tão concreta quanto a fala de uma testemunha.

Essa aproximação da realidade, ainda segundo Lage, é possível com a narrativa que o repórter decide usar. E essas escolhas dependem da inserção social do jornalista, pois é na interação com lugares e fontes, a partir de suas próprias perspectivas e conhecimentos, que ele pode distinguir o que vai ser ou não importante para o público. Mas para que tudo isso se transforme em uma mensagem, é preciso tato do repórter e sua habilidade de redação, aperfeiçoadas apenas se envolvendo em todo o processo da reportagem.

Ricardo Kotscho e Muniz Sodré, em suas falas presentes no tópico sobre prática da reportagem, afirmam que cada história deve receber o tratamento que merece. Tais

colocações nos trazem a reflexão sobre a pauta do isolamento social na pandemia: estar socialmente isolado é renunciar ao contato presencial com pessoas, o que para o ser humano representa parte significativa da sua vida, pois, o homem é social. O assunto em si já é uma história que rende muitas nuances e, em um momento pandêmico, são essas histórias que irão conectar as pessoas. Portanto, merecem uma narrativa construída por relatos. Lage complementa que reportagens relacionadas à saúde e comportamento, como essa, devem-se desprender da factualidade para serem desenvolvidas. Ou seja, o repórter não precisa esperar a publicação de uma pesquisa sobre os impactos do isolamento, um record positivo ou negativo de pessoas em casa para falar no assunto. Basta que haja interesse público.

Quando há factualidade, mas o acontecimento é complexo, Clóvis Rossi entende que o tratamento do acontecimento também deve ser complexo. Para o autor, no modelo americano de pauta, onde o repórter deve responder as questões "O quê? Quem? Como? Quando? Onde? Por quê?", o jornalismo diário entrega "porquês" rasos para os fatos. Por que os brasileiros se sentem mal emocionalmente durante o isolamento? Certamente é uma questão que não pode ser respondida em poucos minutos ou em coluna de jornal. A alternativa é então uma reportagem na qual é cedido espaço para as pessoas apontarem suas motivações para um estado emocional desconfortável durante o período em que estão isoladas.

Na pirâmide mista, por exemplo, é possível desenvolver uma narrativa que possibilita visão ampla do assunto, o fato em si, mas também reflexões, podendo atitudes transformadoras. Essas são características fundamentais do jornalismo humanizado, que segundo Jorge Ijuim, é a premissa do jornalismo, assinalada em seus códigos deontológicos nascidos da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Em outras palavras, não deveria existir jornalismo sem o compromisso com os valores humanos.

Quanto ao problema da reportagem, pretendi responder à pergunta "como os amapaenses conviveram com o isolamento social no início e em dois anos da pandemia de Covid-19?". Na busca por respostas, encontrei três pessoas que desde o início do período pandêmico em março de 2020 até o mesmo período em 2022 renunciaram ao convívio social a fim de proteger a si mesmos e seus familiares. Eles contaram o que os manteve em casa por tanto tempo, seus medos, suas perspectivas sobre o cenário para além de suas paredes, como se sentem ao fazer parte de um pequeno grupo em isolamento e o que mudou após a vacina. Busquei ainda autoridades e especialistas da saúde pública para ter versões de quem trabalha

na tentativa de controlar a pandemia. Acredito que a diversidade de fontes trazidas pela reportagem confirma a hipótese de que a polifonia seria fundamental para entender o contexto atual da pandemia no Amapá. O produto sugere ainda uma abordagem genuína sobre a crise sanitária em relação a cobertura jornalística local, o que pode servir com provocação para mais produtos humanizados nos veículos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Fabiana Aline; SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti. **Jornalismo Humanizado: O Ser Humano Como Ponto de Partida e de Chegada do Fazer Jornalístico**. Guarapuava: Trabalho apresentado no GT – Jornalismo e Editoração, do Iniciacom, evento componente do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, 2008.

BARROS, Alerrandre. Com pandemia, 20 estados têm taxa média de desemprego recorde em 2020. **Agência IBGE Notícias**, 10 mar. 2021. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/30235-com-pandemia-20-estados-tem-taxa-media-de-desemprego-recorde-em-2020>> Acesso em: 30 mai. 2021.

BRASIL. Ministério da Economia. Mapa de Empresas: boletim do 2º quadrimestre/2021. **Boletins do Governo do Brasil**. 30 set. 2021. Disponível em: <<https://www.gov.br/governodigital/pt-br/mapa-de-empresas/boletins/mapa-de-empresas-boletim-do-2o-quadrimestre-de-2021-1.pdf>> Acesso em 30 jan. 2022.

CASTELLS, Manuel; A sociedade em rede. Tradução de Roneide Venancio Majer. 6ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

CANAVILHAS, J. Webjornalismo: Da pirâmide invertida à pirâmide deitada. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação - BOCC-UBI. p. 01-17. 2006. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhasjoaowebjornalismo-piramide-invertida.p>> . Acesso em: 08 mar. 2022.

DESIGN E EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA. Design de hipermídia. s.d. disponível em: <<http://www.design-educacao-tecnologia.com/hipermidia/introducao/intro.html>> . Acesso em: 09 de mar. 2022.

DUARTE, Jorge. BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2006.

FENAJ. 2007. Federação Nacional dos Jornalistas. Vitória: Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros.. Disponível em: >http://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2016/08/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros-1.pdf < Acesso em: 04 de mar. 2022.

FILHO, João Freire. **Mídia, estereótipos e representações**. ECO-PÓS- v.7, n.2, agosto-dezembro 2004, PP. 45-71.

FRANÇA, Lílian Cristina Monteiro; VIANA, Júlia da Escóssia Melo. **O Jornalismo Online Como “Evento Audiovisual Extensivo”: O caso do G1, Portal De Notícias Da Globo**. Natal: Trabalho apresentado na Sessão Jornalismo e Editoração, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2008.

FREITAS, André Ricardo Ribas; NAPIMOGA, Marcelo; DONALÍSIO, Maria Rita. **Análise da gravidade da pandemia de Covid-19**. Campinas: Faculdade de Medicina São Leopoldo Mandic, 2020.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. Florianópolis: dissertação de mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Catarina, 1987.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Editora Atlas S.A, 1989.

HAN, Sam. **Web 2.0**. Nova Iorque: Routledge, 2011.

IJUIM, Jorge Kanehide. **Por que humanizar o jornalismo?** Florianópolis: Verso e Reverso, vol. 31, n. 78, setembro-dezembro 2017.

JENKINS, Henry, **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2008 (Edição em português)

KOVACH, Bill. ROSENSTIEL. **Os elementos do jornalismo: o que os profissionais do jornalismo devem saber e o público deve exigir**. Porto: Porto Editora, 2004.

LAGE, Nilson. **Teoria e técnica de reportagem, entrevista e pesquisa jornalística**. 2001. Disponível em: <<http://nilsonlage.com.br/wp-content/uploads/2017/10/Teterep-1.pdf>>

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Atlas, 1992.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Editora Manole, 1993.

LIMA, Ricardo Cunha; ANDRADE Rafael de Castro; MONAT, André; SPINILLO, Carla Galvão. **A adaptação de infográficos jornalísticos: a relação entre as versões on-line e impressa**. In: C. G. Spinillo; L. M. Fadel; V. T. Souto; T. B. P. Silva & R. J. Camara (Eds). Anais do 7º Congresso Internacional de Design da Informação | CIDI 2015 [Blucher Design Proceedings, num.2, vol.2]. São Paulo: Blucher, 2015.

MARASCIULO, Marília. Um ano de pandemia: o que aprendemos e o que falta saber sobre a Covid-19. **Revista Galileu**. 2020. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Saude/noticia/2021/02/um-ano-de-pandemia-o-que-aprendemos-e-o-que-falta-saber-sobre-covid-19.html>> Acesso em 31 mai. 2020.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Uma agenda para a mudança de século**. In:_____. Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura. p. 257-303.São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1986.

MELO, José Marques (org.) *et all.* **Gêneros e formatos na comunicação.** Summus, 1998.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. **A relação entre a História e a imprensa, breve história da imprensa e as origens da imprensa no Brasil (1808-1830).** Rio Grande do Sul: Historiæ, 2 (3) pg. 125-142, 2011.

PENA, Felipe. **O jornalismo Literário como gênero e conceito.** Rio de Janeiro: Trabalho apresentado ao NP de Jornalismo, do Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom em 2006. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/77311256385591019479200175658222289602.pdf> Acesso em: 30 mai. 2021.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa **A apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa.** Petrópolis: Vozes, 2006.

RAMOS, Aline. Pesquisa mostra que, apesar de homens morrerem mais, as mulheres são mais impactadas no dia a dia da pandemia. **Extra.** 28 fev. 2021. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/brasil/pesquisa-mostra-que-apesar-de-homens-morrerem-mais-as-mulheres-sao-mais-impactadas-no-dia-dia-da-pandemia-24902882.html>> Acesso em: 01 jun. 2021.

RODRIGUES, Léo. CNC aponta fechamento de 75 mil lojas em 2020. **Agência Brasil.** Rio de Janeiro. 01 mar. 2021. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2021-03/cnc-aponta-fechamento-de-75-mil-lojas-em-2020>> Acesso em: 01 jun. 2021.

ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.

ROST, Alejandro. **La interactividad en el periódico digital.** Tesis doctoral. Universidad Autónoma de Barcelona. Director: Lorenzo Gomis/Miquel Rodrigo Alsina, 2006.

SALTZ, Ina. **Design e tipografia: 100 fundamentos do design com tipos.** São Paulo: Blucher, 2014. (Edição em português). Disponível em: <https://issuu.com/editorablucher/docs/issuu_design_tipografia_9788521205357> Acesso em 20 mar. 2022.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura.** São Paulo: Paulus, 2003.

SANTAELLA, Lucia; LEMOS, Renata. **Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter.** São Paulo: Paulus, 2010.

SILVA, Cíntia Charlene da; BALTAZAR, Glória Maria de Oliveira. **A Grande Reportagem: Os desafios enfrentados pelos profissionais desde a ideia da pauta até a divulgação da matéria.** Juiz de Fora: Faculdade de Comunicação da UFRJ, 2013.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de jornalismo impresso**. Porto: Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2001. Disponível em: <<http://bocc.ufp.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-de-jornalismo-impresso.pdf>> Acesso em: 04 fev. 2022.

SOUZA, Cristiane Naiara Araújo de; LUÍNDIA, Luiza Elayne Azevedo. **O desafio da grande reportagem: a teoria, a técnica e a prática como elementos constituintes do trabalho monográfico em Jornalismo**. Boa Vista: Trabalho apresentado ao GP Jornalismo, XI Congresso Regional de Ciências da Comunicação (Intercom Norte 2010), ocorrido na Faculdade Atual de Boa Vista – RR.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história breve do jornalismo no Ocidente**. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-uma-historia-breve-do-jornalismo-no-ocidente.pdf>> Acesso em: 29 de maio de 2021.

SQUARISI, Dad; SALVADOR, Arlete. **A arte de escrever bem**. São Paulo: Contexto, 2005.

TABAK, Tatiana. **Pequeno Livro de dicas de diagramação**. Rio de Janeiro: Puc-Rio, 2014. Disponível em: <<https://issuu.com/lucasluz9/docs/pequeno-livro-de-dicas-de-diagrama>> Acesso em: 20 mar. 2022.

TRIGUEIRO, Rodrigo de Menezes; RICIERI, Marilucia; FREGONEZE, Gisleine Bartolomei; BOTELHO, Joacy M. **Metodologia Científica**. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional, 2014.

WEBSTER, Frank. **Theories of the information society**. Third Edition. Padstow: Routledge, 2006.

WERNECK, Guilherme Loureiro; CARVALHO, Marília Sá. **A pandemia de Covid-19 no Brasil: crônica de uma crise sanitária anunciada**. Rio de Janeiro: Cadernos de Saúde Pública, 2020.

_____; O que é uma hospedagem de site? 15 dez. 2016. **Hostgator**. Disponível em: <<https://www.hostgator.com.br/blog/o-que-e-uma-hospedagem-de-site/>>. Acesso em: 09 mar. 2022.

_____; Metrópoles entra para o top 3 dos sites de notícias mais lidos do país. **Metrópoles**. 26 ago. 2021. Disponível em: <<https://www.google.com/amp/s/www.metropoles.com/brasil/imprensa/metropoles-entra-para-o-top-3-dos-sites-de-noticias-mais-lidos-do-pais%3famp>> Acesso em: 07 mar. 2022

Jornais no Brasil perdem tiragem impressa e venda digital ainda é moderna. **Poder 360**. 26 nov. 2019. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/economia/jornais-no-brasil-perdem-tiragem-impressa-e-venda-digital-ainda-e-modesta/>> Acesso em: 03 de mar. 2022.

Tristeza, insônia, irritação, angústia e crises de choro são sintomas recorrentes na pandemia. **Pfizer**. 2022. Disponível em: <<https://www.pfizer.com.br/noticias/releases/tristeza-insonia-irritacao-angustia-e-crises-de-choro-sao-sintomas-recorrentes-na-pandemia>> Acesso em: 02 fev. 2022.

Novo estudo mostra a origem do primeiro paciente de covid no mundo. **Exame.com**. 19 nov. 2021. Disponível em <<https://exame.com/mundo/estudo-origem-covid/>>. Acesso em 30 jan. 2022.

Covid: saúde mental piorou para 53% dos brasileiros sob pandemia, aponta pesquisa. **BBC News**. 14 abr. 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-56726583>> Acesso em: 15 abr. 2021.

Impactos sociais, econômicos, culturais e políticos da pandemia. **Fiocruz**. Rio de Janeiro. 2021. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/impactos-sociais-economicos-culturais-e-politicos-da-pandemia>> Acesso em: 30 mai. 2021.

APÊNDICE I - Pauta da reportagem digital "Isolados pelas ondas da Covid-19"

Editoria: Saúde
Repórter: Jamily Canuto
Retranca: isolamento social/ Omicrôn
Produtor (a): Jamily Canuto
Data: 01/02/2022
Dead-Line: 04/03/2022

ROTEIRO: Entrevistar a universitário Eduarda Santos com foco na interrupção dos estudos no primeiro ano de pandemia e isolamento social; entrevistar Pablo Coelho sobre a decisão de permanecer em trabalho remoto; entrevistar o técnico em rede de computadores Tiago Fernandes, adepto ao trabalho remoto desde a faculdade sobre sua perspectiva da modalidade antes e durante a pandemia; entrevistar o médico Clodoaldo Figueiredo sobre a nova alta nos atendimentos de Covid-19 na UBS; solicitar dados da Vigilância Sanitária quanto a circulação de pessoas no Amapá.*Obs: ao final das entrevistas, fazer ou solicitar imagens/fotos dos entrevistados para ilustrar a reportagem, que será diagramada em formato digital.

PROPOSTA: Após pesquisa DataFolha mostrar uma nova alta do isolamento social em janeiro/2022 a partir do Índice de Permanência Domiciliar (IPD), cenário em que a pandemia de Covid-19 e a epidemia da nova Influenza H3N2 coexistem, apresentar relatos daqueles que ainda enxergam a eficiência da prática e comparar as dinâmicas do isolamento social no início da pandemia e dois anos depois. Entrevistar amapaenses que se isolaram em 2020 e/ou 2022, autoridades em saúde e vigilância sanitária e realizar questionário direcionado para as novas condições de reclusão.

Angulação: Quais adaptações o isolamento social teve em dois anos de pandemia?

Relevância: Alta nos casos de Covid-19 e gripe a partir de dezembro de 2021 obrigou brasileiros ficarem mais reclusos novamente em diversos estados brasileiros.

Novidade: Mesmo com vacina, ainda existe receio por parte das pessoas em relação ao vírus, que não enxergam o fim da pandemia.

ENCAMINHAMENTO:

Perguntas para Pablo:

- Existe uma retomada tanto por parte de autoridades quanto das pessoas, principalmente após o fim de ano. Você acha que o contato com as pessoas já pode ser o mesmo de antes ou prefere manter restrições?
- Você conseguiu adaptar facilmente sua rotina inteira para dentro de casa?
- Atualmente seu isolamento é mais flexível do que no primeiro ano? Você se sente menos aflita?
- Qual o posicionamento do seu trabalho em relação ao trabalho remoto?

Perguntas para Tiago:

- Sua familiaridade com atividades remotas tornou o isolamento mais fácil para você?
- O que manteve manteve você em casa?
- Pós vacina, você conseguiu retomar hábitos que tinha antes da pandemia?
- Você se sentiu inseguro com a nova onda de casos?
- Ficar recluso pós vacina é da mesma forma ou mudou comparado a 2020?

Perguntas para Eduarda:

- Antes de ser decretada a suspensão de atividades no estado, como era sua rotina? O que mudou após?
- Como foi seu rendimento no EAD?
- A parte dos estudos, o que distraiu você naquele momento? Hobbies, afazeres...
- Além das suas motivações pessoais, observando o cenário, acha que quando chegou a vacina era o momento para flexibilizações?
- E então veio a variante Omicrôn junto de uma epidemia de gripe. Se comparar o início da pandemia e essa nova alta dos casos, a aflição foi diferente?

Perguntas para médico:

- Quais sintomas mais comuns nos pacientes nas últimas semanas?
- O que diferencia a Covid-19 da Influenza?
- Em que momento os atendimentos para as duas doenças começaram a aumentar?
- O isolamento domiciliar ainda está entre as recomendações médicas ou é mais flexível?
- Em quais ambientes os pacientes têm se contaminado mais?

DADOS COMPLEMENTARES:**MonitoraCovid-19 para Índice de Permanência Domiciliar - Fiocruz:**<https://bigdata-covid19.icict.fiocruz.br/>

APÊNDICE II - Transcrição da entrevista com Pablo Coelho realizada por chamada de vídeo nos dias 1º e 2 de março de 2022

01/03/2022

Jamily – Como era sua rotina antes da pandemia?

Pablo – Eu sou professor e psicoterapeuta, eu dava aulas presenciais agora não dou mais, e atendia aqui no consultório onde nós estamos nesse momento. O meu consultório, há quase três anos eu transferi da clínica onde eu atendia para minha casa. Não foi exatamente em função da pandemia, foi antes da pandemia. Foi uns sete, oito meses antes da pandemia. Do ponto de vista terapêutico foi muito bom para as pessoas porque as clínicas, todas duas em que eu atendia tinham muito barulho na recepção, as pessoas vinham com tensão, ansiosas. Aqui não. Aqui tem acolhimento, é uma mata. Não sei se consegue ver atrás, olha, aqui é a "Floresta Amazônica", têm macaquinhos, têm jabutis, tem a Judith que é minha cadelinha, que tá em algum lugar aqui agora. Então é um lugar muito mais acolhedor, então isso foi muito bom. Eu atendia presencialmente e atendia online também, desde que eu moro em Macapá há seis anos eu já usava atendimento online. Não era muito comum para as pessoas aqui, mas como eu vim de fora, eu atendia os pacientes de fora online.

Jamily – Então para você foi fácil adaptar toda sua rotina para dentro de casa?

Pablo – Sim, eu adaptei toda minha rotina pra casa. Eu já trabalhava aqui. Eu só me arrependo de uma coisa: de não ter vindo antes, porque o que eu ganhei de tempo, de qualidade de vida, de deslocamento, de combustível, etcetera, é incalculável. Eu senti que houve uma perda dando aula. Eu sou da época do cuspe e do giz. Eu que sou o que mais gastava na faculdade pincel e apagador porque eu uso muito muito muito essa interação. E olho nos olhos dos alunos pra compreender se eles estão entendendo, se estão gostando, se não estão gostando ou se estão em júpiter. Qualquer uma das alternativas. E quando em função da pandemia eu subia (aqui em cima do meu consultório a minha biblioteca), então ficou muito confortável, né? Bastava subir as escadas. Ok. Mas há uma perda muito grande na interação porque não é só uma aula. A gente acha que aula é só uma troca cognitiva de informações ou de raciocínio ou de concatenamento ou concatenação, sei lá, ou raciocínios concatenados juntos. Não. Existe um ritmo. E quando não há esse olhar, há uma perda. Eu não digo que é um impeditivo, mas há uma perda. Então eu não sabia primeiro se as pessoas estavam ali. Nem metade, de menos da metade aparecia o rosto. Então não sei se a pessoa estava na academia, estava dormindo, jantando, tomando banho. Não sabia. Não há interação. A interação é muito pequena. A interação é só entre aqueles que mostram o rostinho. Então, pra houve uma perda na pandemia nessa relação de ensino-aprendizado.

Jamily – Você mudou sua metodologia pensando no acolhimento aos alunos?

Pablo – Bom, foi muito difícil. Eu sempre dizia aos meus alunos que era muito difícil não só para os alunos como para os professores, né? Você tem que mudar o meio, a mídia, né? Onde aquele vai ser passado. Este meio empobrece no

meu entendimento. Então assim, imagine o professor que é da época do cuspe e do giz, que gasta pincel, de repente tentar trazer pro aluno algo que não seja maçante nem enfadonho. Então eh eu buscava ouvi-los muito. Ouvi-los o tempo inteiro. Interagir mais do que comumente. Antes, presencialmente, havia uma interação buscando ouvi-los, mas eu tive que eh fazer com que eles se manifestassem cada vez mais. E aí foi interessante que pessoas que antes eram taciturnas, caladas não sei se pela proteção das telas começaram a falar e falam brilhante. Eu tive surpresas. E outros que realmente não se apresentavam. Então o que eu pude fazer para acolhê-os foi dizer "olha, dificuldade é mútua. Eu sei que é difícil para vocês mas é difícil para nós também do outro lado". Você rompe uma rotina de mais de uma década de modelo de troca de saberes para de repente ela afunilar para uma tela. Claro, existem recursos mais é diferente quando a gente fala de aula. Não tô dizendo que tem certo e errado. Como já dizia Freire, "não existe certo ou errado. Tem o diferente". E foi muito abrupto. Mas eu sempre dizia aos alunos "imagine se tudo isso acontecesse trinta anos atrás. Não tô falando um século atrás uma pandemia nesses moldes trinta anos atrás. Nós faríamos o quê? Mandaríamos uma carta para dizer 'a matéria de hoje é essa'? Então a gente teria aula, aqui no Norte, a cada ano bissexto quando o correio passa. Ou então uma chamada telefônica comum. A gente não telefona". Eu jogava isso para eles. "Galera o que seria da nossa vida?", eles "ah, tá muito ruim" e eu "gente, vocês tem internet, vocês tem possibilidade de interagir. Se fosse 30 anos atrás vocês estariam lascado se estivessem morando numa casa, por exemplo, sem uma biblioteca. Vocês vão fazer o quê dentro de casa? O ócio ia tomar conta? Talvez a estupidez fosse imperar muito mais". Não sei. Uns responderam "ah, mas a gente poderia fazer troca de livros". Pode ser também, mas eu não sei o que as pessoas fariam, isso realmente seria um impeditivo. A tecnologia não é um impeditivo, pelo contrário, ela ajuda. Só que o modelo é um impeditivo porque ele empobrece. Trinta anos já acabaria com a nossa raça. E olha que há trinta anos nós já tínhamos super tecnologias. Mas não tinha internet banda larga. Se fosse 20 anos tinha internet mas era a internet discada, acho que seria um caos maior ainda porque a gente ia tentar fazer o que tá fazendo hoje e não ia conseguir em função da tecnologia.

Jamily - Fora o trabalho quais suas outras ocupações durante o isolamento social?

Pablo – Bom, eu trabalho muito. Por exemplo, no ano de véspera da pandemia, entre consultório e sala de aula setenta horas por semana, de segunda a sábado das 9h às 21h. A minha única diversão eram viagens que deixaram de acontecer, naturalmente, em função da pandemia. Pelo menos no início. Mais para o meio da pandemia que eu consegui voltar a viajar. Então o tempo livre que eu brevemente tive eu dediquei a leitura porque nós ficamos em casa, na época minha esposa estava grávida, mais dois meninos pequenos. Nós criamos aqui uma espécie de bunker, fazíamos atividades ao ar livre e procurávamos banhos em um lugar que fosse mais tranquilo. É o que a gente conseguia fazer.

Jamily – A relação familiar sofreu choques?

Pablo – Sim. O que eu digo aqui no escritório? Só há atrito quando há o contato. Recebi muitos casais aqui que se juntaram ou se separaram durante a pandemia porque via de regra era "bom dia, meu bem. Tchau" e voltava "oi meu, bem. Como é que foi seu dia?" Você não tem contato. Não tendo contato, não há atrito. É do atrito que a gente resolve as questões, diminui as diferenças, que aprende se assim desejar, escutar o outro, acolher o outro, ver a

dificuldade do outro, ver nossa dificuldade no outro. Então é uma faca de dois gumes, "uma faca de dois legumes" como diria o bom letrado. Ou você tira proveito disso porque muitos casais a despeito de muitos anos de casados meio que se conheceram nesse período porque tava todo mundo em home Office e outros ao se conhecerem disseram "ok. Até logo, te vejo na outra encarnação" porque não deram conta ou por alguma razão foi difícil esse contato. No caso aqui houve muita aproximação, houve, claro, choques, mas hoje um conhece muito bem o outro, muito melhor do que se fossem mais anos de casados dentro dessa rotina "bom dia, meu bem, "como é que foi seu dia, meu bem?" no final do dia. Houve avanços, houve entendimento mútuo, compreensão, aplicação de consensos. Nem sempre foi fácil.

Jamily – Quanto tempo de casados?

Pablo – Nós temos muito pouco tempo de casamento. E a pandemia, curiosamente, que nos fez morar juntos. Então nós temos dois anos oficialmente. Acho que a pandemia foi o vetor de morarmos juntos. Coincidência, né?

Jamily – Sua esposa também trabalha em casa?

Pablo – Sim. Ela me ajuda no consultório e em outras atividades que a gente tem fora. Ela que dá o suporte aqui na recepção, recibos e outras coisas, lidas com contador. E detalhe: nós estamos com uma bebê de um ano que apareceu também na pandemia. coisa rara, né? Quase nunca vimos.

Jamily – Atualmente o seu isolamento é mais flexível do que no primeiro ano? Você se sente menos aflito em relação ao vírus?

Pablo – Agora vamos entrar na fase interessante. Nós estamos passando por um momento, ao meu ver, trevoso, porque a gestão da pandemia está sendo executada por um inapto. Não cabe aqui ficar discutindo espectro ideológico, eu tô falando de competência, aptidão. Lembrando sempre que tentar na cadeira da presidência é um ser humano suscetível a falhas. Mas esse, especialmente, inapto, ele é um delinquente intelectual e com noções muito obtusas do mundo, da vida. Para você ter uma ideia, eu gosto de dizer que a ignorância é a razão de todo sofrimento humano e ela se divide em duas facetas. Uma, a maioria de nós a ignorante, por exemplo, eu não sei como é que funciona o combustível sólido de foguete, nem sei como é que o carro troca marcha sozinho, câmbio automático. Mas se eu estudar ou você estudar nós vamos saber tudo de combustível sólido de foguete e câmbio automático. Esse é o tipo de ignorância comum, eu também não sei tudo o que eu gostaria de saber sobre astrofísica e aí por aí vai. Agora tem outro tipo de ignorância que a pessoa sendo ignorante não sabe que o é. Exemplo, esse cidadão que lá está. E eu trabalho com saúde, eu sou da ciência, eu sou professor. Meu mestrado e doutorado vem de um área da ciência dura, muito cartesiana. Confundir espectro ideológico com ciência, não que a ciência seja detentora única de todos os saberes e de todos os arranjos que regem o universo, mas ela se debruça em entender muitas coisas. E quando você mistura isso, pessoas em 2021, ano passado, discutindo se a Terra é ou não plana, é tão rasteiro.

02/03/2022

Pablo – Evidentemente que nem o líder mundial de nenhuma sociedade pode ser cobrado por algo que ele não foi treinado, não foi preparado pra aquilo. Ali atrás tem um ser humano. Mas no nosso caso nós estamos vivendo algo muito sombrio. Eu estava até conversando isso aqui ontem na reunião, o que está valendo? Um sujeito que coloca na pasta da Saúde pessoas ou que são inaptas, como um general. O que um general "especialista em logística" tem a ver com a pasta da Saúde? Que Sócrates não nos ouça ou Platão, ou que Aristóteles não nos ouça, pai da medicina. E os outros que são da pasta da saúde quer [disseram] "não, eu não vou assinar isso aqui, não vou colocar cloroquina". Todos saíram. E agora tem um maluco na saúde que, imagine, abre uma discussão em que leigos, como o país, vão discutir se os filhos devem ou não ser vacinados. Se os pais fossem todos biólogos, infectologistas etc, médicos, ok até entenderia, mas leigos discutindo. Estamos em um momento em que se pega uma frase, uma narrativa e aplica onde você bem entende sem nenhum lastro com o que é real, com o que está posto ou é verificável via método científico. Estamos vivendo uma fase em que deram poder a um maluco, e o maluco com medo de perder com a única coisa em que ele pode ser avaliado que é a economia ele fala "inventa aí um remédio para dar para a população, um bando de assalariados" que precisam correr atrás do pão para, eles se virarem dizendo que eles estão protegidos dessa doença, promove a tal da imunidade de rebanho e deu no que deu, seiscentos e tantos mil mortos. Aqui morreu, por dia, mais ou menos dez vezes o que morreu na campanha da Itália na Segunda Guerra Mundial, participação brasileira. Esse atraso de quase um ano na compra de vacinas. Nós estamos vivendo um momento em que as pessoas empinam suas opiniões como se argumentos fossem. E se o presidente começa a fazer isso, não está embasado em nada, ele mente. E as pessoas se acham no direito de estar nesse mesmo lugar de fala de emitir opiniões como se verdade fosse. Não é só uma tragédia, vamos falar da pandemia, *stricto sensu*, mas nós estamos vivendo uma tragédia comunicacional, do ponto de vista da disseminação de falsidade, de mentira, de medo. Mais do que nunca em função dessas informações descabidas, essas teorias da conspiração que fazem com que a pessoa morda uma espécie de raciocínio lógico rasteiro e ela se sinta intelectualmente acima dos outros conseguiu aquela lógica. Depois que ela morde é essa lógica que é um fragmento da verdade o que se segue aí são só ilações ou nada concreto. A pessoa acha que cognitivamente ela tá acima da média então está se protegendo ou tem mais argumentos que o outro porque segue uma teoria conspiratória. Quer dizer estamos vivendo uma barbárie da disfunção da comunicação, da disfunção da informação, de conhecimento, da moral. Isso levou a 4000 mortes, nós tivemos aí um quarto das mortes no mundo, a gente não tem nem 3% por cento da população planetária. É muito perigoso. Não lembro agora se são 12, perdão, não estou aqui com os números na cabeça. Mas assim, algo dispare a quantidade de mortes.

Mas aí como lidar com isso? Tentando emendar as duas perguntas. No início prudência absoluta, atendendo presencialmente, rigor na distância, máscara sempre, entrar sem calçado, isso é uma regra da casa que acabou se adaptando, embora a gente saiba que não necessariamente os objetos carregam vírus. Nós estamos lidando com algo que a gente não conhece direito, completamente. Têm pessoas que não contraem o vírus de jeito nenhum, familiares todos doentes, cinco doentes e teve um que não teve nada. Não tem muita regra ainda. Tem uma frase que diz que é prudência é a armadura do sábio. Então é precaução, esse cuidado, claro, que a economia tem que girar, vivemos em um mundo material, Por que não fazer isso com prudência? Tá vendo no mundo uma mistura do cuidado com a saúde, do acolhimento humano com uma preocupação enlouquecida com a produção de capital. Eu costumo dizer que CNPJ quando morre não é o CNPJ, é o indivíduo que forma o CNPJ ou os indivíduos, aquela sociedade que forma uma empresa. Ações na bolsa de valor, quem são

cantores dessas ações? São os indivíduos, seja na forma de pessoa física ou jurídica. Os seres humanos vem antes de qualquer coisa. É muito sério que nós estamos vivendo. Não adianta ir lá sacudir o cara, fazer uma lobotomia, colocar o cérebro de um ornitorrinco no lugar dele, não vai adiantar. Eu também não vou ficar aqui perdendo tempo traçando explicações para incapacidade cognitiva, débil, moral dele, não tenho esse alcance. Eu aqui cuidei da minha família. Pessoas com sintoma não entram e eu já tô cuidando para não receber pacientes não-vacinados, pessoas que prestam serviços pra mim e não foram vacinadas são mandadas embora. Uma opção que a pessoa tem eu também tenho de falar "ok, você não quer se vacinar? Comigo você não trabalha". Nós dividimos talheres.

Jamily – Essa situação deixa a ideia de um fim da pandemia mais distante?

Pablo – Essa história de pandemia virar algo endêmico. Tenho para mim, e falo isso há mais de um ano, que nós vamos ficar muito mais familiarizados com as máscaras a partir de então por que é essa pandemia que nós estamos enfrentando. Não se sabe se ela vai ficar sazonal como é a Influenza, com vacinação alternando Hemisfério Sul-Hemisfério Norte como é feito com a Influenza hoje, e não se sabe, o que é muito provável que aconteça, que tenhamos outras migrações de vírus por reinos animais até chegar a gente como sempre aconteceu. Apesar da rapidez no desenvolvimento de vacinas, apesar da ciência correr com muita rapidez pra buscar ajustar isso, cenário é muito incerto. E a incerteza gera medo. E o medo paraliza. É um ciclo muito estranho muito esquisito. A única certeza é que nós não temos certeza. E naquilo que a gente pode se basear, a gente vai agir. Vacinas de maneira axiomática, é um axioma, morreram 4000, começaram a vacinação, caíram para menos de 50 por dia. Isso é fato, não é a cloroquina que vai resolver. Claro, dizem por aí que tem um chip do capeta na vacina, que o sujeito vai ter câncer, a gente não pode subestimar a estupidez humana e nem a crença do outro. O sujeito acredita no que quiser, e agora com as redes sociais a imbecilidade opera. Plataforma para os idiotas, como diria o saudoso Umberto Eco. A gente tem que continuar com prudência, todo cuidado, não nos limitando tanto, mas não abrindo mão da prudência. Como falei, no início era assim e hoje continua assim. O mesmo cuidado que eu tinha no início da pandemia eu tenho agora, principalmente quando o paciente fala "eu quero tirar a máscara", eu falo " não dá. "Mas eu já tomei três doses", falo "Eu também. Mas eu tenho uma bebê em casa de um ano".

Jamily – Existe por parte das pessoas uma flexibilização, quase volta a normalidade. Você acha que logo vai voltar o contato que se tinha entre as pessoas ou prefere se manter rigoroso?

Pablo – Vou me faltar no primeiro-ministro inglês que liberou geral. Mas a preocupação dele não é com ser humano, claro que eles têm o nível de vacinação muito alto mas um nível de internação também muito alto. Então ele tá muito mais preocupado com a economia, como todos os líderes, então o olhar ainda é feito pela mercadoria, a moeda de troca ainda é mercadoria, o dinheiro, então nós estamos muito presos ainda. Se eu perceber que a liberação dessas medidas de controle vão correr para atender essa entidade chamada "o namercado, aí eu continuo na minha prudência. Mas quando eu perceber que de fato está mais seguro, não houve o aparecimento de novas variantes ou coisa mais ou menos assim, aí sim eu posso abrir mão. Mas fora disso não. Quem tem família... eu lido com acolhimento, então primeiro o acolhimento da minha família. Porque é isso que preserva, a lógica da vacinação é essa, mundo se cuidando a doença desaparece. Mas infelizmente as pessoas, não sei se eu disse isso ontem, mas nas grandes tradições orientais, na sabedoria oriental, ignorância é a raiz de todo

sofrimento humano, e a ignorância é dividida em dois níveis. Nós estamos vivendo o níveis de pessoas ignorantes agindo como se não fossem. E o que elas fazem? Elas distorcem a realidade, elas vivem achando que estão sendo adequadas mas distorcendo a compreensão daquilo que está posto. Se isso acontecer, é como se a gente tivesse que mudar o que está posto para o discurso das pessoas. Uma loucura. Eu não entro nisso. Continuar até onde eu tiver uma riqueza de provas dizendo "OK agora está mais seguro". Veja também onde é que a gente se nutre de informação quem tá nos dizendo o quê para a gente decidir se vai para lá ou vai para cá. Checar, recheckar, verificar as fontes das informações que falam "tá seguro agora nós podemos ir ao cinema, podemos ir ao teatro tranquilamente, sem problema nenhum, sem máscara", por exemplo. Quando chegar esse momento e eu perceber que foi por uma razão científica ou sanitária, aí eu abaixo a guarda. Fora isso, eu como muitas pessoas vamos continuar desse jeito. Claro, o meu mais velho já tomou a primeira dose, eu e minha esposa já tomamos as três doses, se precisar tomamos a quarta. Por exemplo, há duas semanas Nós voltamos a treinar. Mas qual foi a nossa opção? Irmos para uma academia aberta e não fazer qualquer exercício cardio que nos obrigue a tirar a máscara. Corrida, caminhada Nós faremos ao ar livre. Estamos tateando, mas ainda seguindo mínimo de critério, levando nosso próprio equipamento de limpeza, não baixando a guarda. Sendo que eu vi pessoas lá sem máscara, tive que falar com o dono da academia "acabou a pandemia? Só para perguntar". Aos poucos, a gente tenta fazer coisas que não fazia há um ano e meio atrás, por exemplo, mas nunca nesse oba oba. Porque é uma preocupação para nós e para a sociedade, a gente não pode pensar só como indivíduos nós somos seres interpessoais, nós dependemos uns dos outros, uma atitude nossa pode prejudicar o outro. É uma mistura de consciência coletiva com altruísmo.

Jamily – Você e sua esposa passaram a fazer flexibilizações apenas após a terceira dose?

Pablo – Só a terceira dose. E mesmo assim quase um mês depois. A gente não sabe ainda, então a métrica, a régua, é a precaução não é se atirar para ver no que vai dar.